

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL / JORNALISMO

JADEILSON CRUZ RIBEIRO

**PÓS-VERDADE: UM ESTUDO SOBRE COMPARTILHAMENTO DE
INFORMAÇÕES NO WHATSAPP**

São Luís
2023

JADEILSON CRUZ RIBEIRO

**PÓS-VERDADE: UM ESTUDO SOBRE COMPARTILHAMENTO DE
INFORMAÇÕES NO WHATSAPP**

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo, da Universidade Federal do Maranhão, para a obtenção do grau de bacharelado em Comunicação Social / Jornalismo.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Patrícia Rakel de Castro Sena

São Luís
2023

Ribeiro, Jadeilson Cruz.

Pós-verdade: um estudo sobre compartilhamento de informações no WhatsApp / Jadeilson Cruz Ribeiro. - 2023. 69 f.

Orientador(a): Patrícia Rakel de Castro Sena.

Monografia (Graduação) - Curso de Comunicação Social - Jornalismo, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2023.

1. Desinformação. 2. Opinião. 3. Pós-verdade. 4. Verdade. 5. WhatsApp. I. Sena, Patrícia Rakel de Castro. II. Título.

JADEILSON CRUZ RIBEIRO

**PÓS-VERDADE: UM ESTUDO SOBRE COMPARTILHAMENTO DE
INFORMAÇÕES NO WHATSAPP**

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo, da Universidade Federal do Maranhão, para a obtenção do grau de bacharelado em Comunicação Social / Jornalismo.

Aprovado em: / /

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Patrícia Rakel de Castro Sena (Orientadora).
Universidade Federal do Maranhão

Universidade Federal do Maranhão

Universidade Federal do Maranhão

Aos meus pais: Florinda Costa Cruz e
Sebastião Pires Ribeiro;

Aos meus irmãos: Jadevilson Cruz
Ribeiro, Jadevaldo Cruz Ribeiro,
Jadailton Cruz Ribeiro, Ítalo Marcelo
Teixeira Araújo, Antônio Pereira
Cabral;

Aos meus sobrinhos e às minhas
sobrinhas: Emanuel Ribeiro Bezerra,
Pedro Lucas Sousa Ribeiro,
Emanuella Ribeiro Bezerra, Pérola
Cruz Ribeiro, Gabryella Sousa Ribeiro
e Micaella Sousa Ribeiro;

A todos os meus parentes;

Aos amigos e às amigas;

Aos professores e às professoras que
fizeram parte da minha vida estudantil;

Aos que torcem por mim;

Aos meus avós paternos e
maternos (*in memoriam*);

Aos que contribuíram para o meu
ingresso na vida acadêmica.

AGRADECIMENTOS

O agradecimento é uma forma de reconhecer que não caminhamos sozinhos. Ninguém é tão independente que não precise da ajuda de outrem. Em primeiro lugar, agradeço à minha querida, estimada e digníssima mãe: Florinda Costa Cruz, a quem tenho infinito respeito e eterna admiração. Sem ela, jamais teria conseguido ascender à vida acadêmica. Ela não mediu esforços para que eu e meus irmãos pudéssemos ter um diploma de nível superior. Apesar do pouco estudo (Ensino Fundamental incompleto) é a pessoa mais sábia que conheci em toda a minha vida.

A quem também muito me satisfaz agradecer é ao meu pai: Sebastião Pires Ribeiro. Um homem que sempre provocou em mim muita admiração. Nunca vi e nem conheci outro homem tão fantástico, admirável e incrível. O meu pai, sem dizer uma única palavra, ensinou-me a ser forte, coerente e nunca desistir daquilo que busco.

A minha família em geral também merece o meu agradecimento. Agradeço aos meus irmãos, aos meus tios, aos meus sobrinhos, aos meus primos, enfim, aos meus parentes espalhados pelo mundo. A família é algo sagrado e de extrema importância na minha vida.

Também agradeço aos meus amigos, pelo carinho e pela companhia. Ter amigos é muito importante na vida daqueles que buscam alegria e afeto. Ter amigos é ter a certeza de que nunca se caminhará sozinho.

Por fim, agradeço a todos os professores e professoras que fizeram parte da minha vida estudantil, da professora Carmem (minha primeira professora) na Praia de Sababa - Escola Robson Campos Martins - à professora Patrícia Raketl (minha orientadora) na Universidade Federal do Maranhão. Durante todo o meu percurso estudantil tive o privilégio e a honra de ser aluno de muitos professores e professoras sensacionais. Dentre eles destaco o trio que mais contribuiu para eu seguir em frente nos meus estudos: Nilda Pires, Edmar Costa Filho (Dezinhão) e Ederson Costa. Essas três pessoas iluminaram o meu caminho. Eu agradeço muito aos três por serem seres humanos incríveis.

“Todos têm direito a suas próprias opiniões.
Mas ninguém tem direito a seus próprios fatos”
(Daniel Levinita)

RESUMO

Esta pesquisa busca refletir sobre o contexto de pós-verdade e como a noção de verdade perde importância e se torna secundária nas relações interpessoais contemporâneas. A pós-verdade é um fenômeno que se caracteriza principalmente pela preponderância do falso sobre o verdadeiro. Desse modo, o que é levado em consideração não é a verdade dos fatos, mas as opiniões e crenças daqueles que pretendem sobrepor a qualquer custo suas ideologias sobre a dos outros. Esse fenômeno se tornou mais evidente a partir de 2016 e se consolidou devido à expansão e abrangência da internet. Dessa maneira, de acordo com alguns autores, como Matthew D'Ancona, Ralph Keyes, Lúcia Santaella e Christian Dunker, vivemos em uma era da pós-verdade. Nesse sentido, bibliograficamente, debate-se sobre a produção de informações falsas, principalmente através das redes sociais digitais e as consequências disso à sociedade. Também é aplicado um questionário a cinquenta e duas pessoas da área da educação do município de Rosário/MA. A pesquisa de campo foi para saber, de forma complementar e localizada, como pensam e agem alguns indivíduos humanos ao receberem e/ou compartilharem informações no WhatsApp, especificamente pessoas que trabalham com a educação. A partir da análise do questionário, constatou-se que a maioria dos entrevistados que têm vivências escolares cotidianas prioriza a noção de verdade fatural em detrimento da desinformação. Assim, apenas um percentual pequeno do público pesquisado está propenso a disseminar informações falsas no ambiente on-line.

Palavras-chave: Verdade; Desinformação; Pós-verdade; WhatsApp; Opinião.

ABSTRACT

This research seeks to reflect on the context of post-truth and how the notion of truth loses importance and becomes secondary in contemporary interpersonal relationships. Post-truth is a phenomenon that is characterized mainly by the preponderance of false over true. Thus, what is taken into consideration is not the truth of the facts, but the opinions and beliefs of those who intend to override at any cost their ideologies over that of others. This phenomenon became more evident from 2016 and consolidated due to the expansion and breadth of the internet. Thus, according to some authors, such as Matthew D'Ancona, Ralph Keyes, Lucia Santaella and Christian Dunker, we live in an era of post-truth. In this sense, bibliographically, debate about the production of false information, mainly through digital social networks and the consequences of this to society. A questionnaire is also applied to fifty-two people in the education area of the municipality of Rosario/ MA. The field research was to know, in a complementary and localized way, how some human individuals think and act when receiving and/ or sharing information on WhatsApp, specifically people who work with education. From the analysis of the questionnaire, it was found that most respondents who have everyday school experiences prioritize the notion of factual truth over misinformation. Thus, only a small percentage of the surveyed audience is likely to spread false information in the online environment.

Keywords: Truth; Disinformation; Post-truth; WhatsApp; Opinion.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. A IMPORTÂNCIA DA VERDADE PARA A CONVIVÊNCIA HUMANA	15
2.1. INFORMAÇÕES FALSAS E SECUNDARIZAÇÃO DA VERDADE	23
2.2. A ERA DA PÓS-VERDADE	32
3. PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA DE CAMPO	41
3.1. GRÁFICOS E NÚMEROS	42
4. ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO	52
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65
APÊNDICE – QUESTIONÁRIO	68

1. INTRODUÇÃO

Através deste trabalho, busca-se compreender como o contexto de pós-verdade fortalece (e é fortalecido pela) a propagação de informações falsas e as torna fenômeno comum no convívio entre pessoas. Vale ressaltar que, atualmente, o contexto de pós-verdade é uma realidade em todo o mundo. Assim, para sistematizar o debate, será feita uma pesquisa bibliográfica. Também será aplicado um questionário para saber como algumas pessoas pensam e agem ao postar ou compartilhar informações no aplicativo de mensagens *WhatsApp*.

Os elementos textuais desta monografia são: a introdução, três capítulos de desenvolvimento e as considerações finais. O primeiro capítulo do desenvolvimento está relacionado à verdade, informações falsas e pós-verdade; já o segundo diz respeito ao percurso metodológico da pesquisa de campo; e o terceiro é uma análise do questionário à luz de alguns teóricos que embasam a pesquisa bibliográfica. A estruturação dos capítulos nessa ordem é necessária, pois para se falar adequadamente sobre pós-verdade, que é o tema deste trabalho, é preciso esclarecer e compreender os fatores e o contexto que a possibilitam.

A preferência pelo WhatsApp, deu-se devido à sua abrangência no Brasil, já que “ele roda hoje em 99% dos celulares em operação no país, de acordo com números tabulados pelo MobileTime em parceria com a empresa de pesquisas on-line Opinion Box” (SANCHES, 2022, on-line). A pesquisa realizada entre os dias 13 e 27 de julho de 2022 mostra que a chance do brasileiro ser influenciado pelo WhatsApp é muito grande, daí a importância de saber como algumas pessoas agem diante das informações que recebem cotidianamente nesse aplicativo de mensagens.

A monografia é uma investigação que procura entender como a relativização da noção de verdade e a proliferação de informações falsas fortalecem e são fortalecidas pelo contexto de pós-verdade. Dessa maneira, a pesquisa bibliográfica e a aplicação de questionário são primordiais para o desenvolvimento e entendimento da questão investigada.

Na atualidade, o tema *pós-verdade* está em voga no mundo inteiro. O Brasil está incluso nesse contexto de pós-verdade que assola o planeta Terra. Com o compartilhamento e a proliferação de informações falsas através das mídias digitais, principalmente das “redes sociais”, a verdade está perdendo importância e se tornando algo secundário. Nesta pesquisa, mídias digitais se refere à “diferença entre

os chamados “meios de comunicação de massa” ou “mídias analógicas”, como a televisão, o cinema, o rádio, jornais e revistas impressos, dos meios eletrônicos” (MARTINO, 2014, p. 10). Já o termo “redes sociais” diz respeito às interações on-line entre indivíduos para qualquer tipo de atividade.

Na medida em que as redes se caracterizam pela existência de laços firmados a partir de interesses comuns, é possível verificar a formação de todo tipo de agrupamento para troca de informações, ideias e materiais, gerando não apenas uma interação entre os participantes no sentido de compartilhar conhecimentos, mas também o engajamento em questões políticas, sociais e culturais. O poder de mobilização exponencial das redes sociais as torna um fator relevante para se pensar elementos da vida fora da internet (MARTINO, 2014, p. 58).

Sobre a relativização da verdade é importante analisar a seguinte citação: “A verdade já não é mais falseada ou contestada; torna-se secundária” (SANTAELLA, 2019, p. 47). De acordo com a autora, a era da pós-verdade é uma época de desvalorização da noção de verdade fatural. Assim sendo, para os que estão inseridos nesse contexto de pós-verdade não importa a veracidade dos fatos, apenas as crenças e as opiniões. Nesse sentido, a questão relevante não está no objeto, mas no sujeito. É a subjetividade triunfando sobre a objetividade (DUNKER, 2017).

“Na era da pós-verdade, não temos apenas verdade e mentira, mas uma terceira categoria de afirmações ambíguas que não são exatamente a verdade, mas tampouco são uma mentira” (KEYES, 2018, p. 22). Assim, a pós-verdade é um contexto social, uma era de tensionamento sobre verdades objetivadas que moldam comportamentos e crenças. Nesse contexto, informações falsas são compartilhadas como se fossem notícias e proliferadas indiscriminadamente. Esse espalhamento de informações falsas é potencializado através das mídias digitais.

Assim, na era da pós-verdade, a maior vítima é a verdade; e a maior vilã, a informação falsa. Nesse sentido, o tema da monografia é algo que afeta os diversos aspectos do conhecimento. Em um mundo pós-verdadeiro, tudo o que é rigoroso e confiável do ponto de vista epistemológico, transforma-se em algo secundário. A noção epistêmica de verdade se torna inimiga e algo a ser combatido por aqueles que tentam impor a qualquer custo as próprias crenças e opiniões.

Nos dias atuais, a pós-verdade é presença constante em todos os lugares. Como já foi mencionado anteriormente, as mídias digitais são terrenos férteis para a proliferação e compartilhamento de informações falsas, principalmente o *WhatsApp*, contribuindo, desse modo, para o enfraquecimento da noção de verdade.

O problema de pesquisa desta monografia é o seguinte: *Como o contexto de pós-verdade fortalece (e é fortalecido pela) a propagação de informações falsas e as torna fenômeno comum no convívio entre pessoas?* A inquietação surge a partir de observações cotidianas, despertando assim o desejo de compreender as razões pelas quais, no Brasil atual, a noção de verdade se torna algo secundário para parte da população. Na tentativa de elucidação da questão, é feita uma pesquisa bibliográfica e aplicado um questionário.

A hipótese, *O contexto de pós-verdade e a consolidação do WhatsApp como uma das principais plataformas de comunicação entre as pessoas potencializa a propagação de informações falsas*, é fruto de uma longa observação sobre o fenômeno da pós-verdade. No decorrer do tempo, percebeu-se que muitos indivíduos não checam devidamente uma informação antes de passá-la adiante, tanto no ambiente on-line como no off-line. Desse modo, muitas vezes informações falsas são compartilhadas como se fossem verdadeiras.

Saber a percepção de alguns utilizadores do WhatsApp sobre o que consideram informações confiáveis ou não, é primordial para que se tenha noção sobre as reais motivações dessas pessoas ao postarem ou compartilharem informações.

Saber se as informações compartilhadas e proliferadas por uma cidadã X são oriundas de um cidadão Y, é fundamental para que se tenha noção se as opiniões e convicções político-sociais de ambos são parecidas ou diferentes. Isso é muito importante para o entendimento de como as preferências dessas pessoas contribuem para a aproximação entre elas, ainda que seja somente através de um aplicativo de mensagens. Outra questão interessante para se saber através do questionário é a frequência com que um utilizador do WhatsApp compartilha informações. Todos os dados são importantes para que o problema proposto na pesquisa seja esclarecido.

O objetivo geral da pesquisa é: *compreender como a pós-verdade se manifesta e se evidencia através da propagação de informações falsas via WhatsApp*. Já os objetivos específicos são os seguintes: *explicar em que consiste a verdade e sua importância para a convivência humana; identificar as principais características das informações falsas e como elas contribuem para a secundarização da verdade; e analisar o conceito de pós-verdade a partir do uso do WhatsApp para propagar informações falsas*. O objetivo geral e os objetivos específicos são importantes para a clareza e o entendimento da pesquisa.

O objeto de pesquisa – *Pós-verdade: um estudo sobre compartilhamento de informações no WhatsApp* – é interessante à medida que informações falsas passam a circular como se fossem verdadeiras e a verdade se torna corriqueiramente algo sem importância para muitos indivíduos. Também é importante saber como algumas pessoas agem e pensam ao passar uma informação adiante no WhatsApp. A pós-verdade é algo que com o passar do tempo se torna presença constante no convívio humano. Assim, é necessário que se compreenda ou, pelo menos, tenha-se uma noção mais clara do que seja esse fenômeno.

Na monografia, a pesquisa bibliográfica sobre a pós-verdade é fundamental para que se faça uma análise aprofundada do assunto. A aplicação do questionário também é essencial, pois através dele é possível saber como algumas pessoas compartilham informações no WhatsApp. Assim, o objeto de pesquisa é algo que requer muito estudo e cuidado para se chegar a um resultado satisfatório a respeito do tema em questão.

Entender como a pós-verdade é caracterizada e proliferada no convívio entre pessoas, é primordial para que se tenha noção das consequências que a secundarização da verdade pode representar para a sociedade. Assim, o objeto de pesquisa deste trabalho é algo que precisa ser estudado e analisado, para compreender as possibilidades de enfrentamento.

Desde 2016, como relata D’Ancona (2018), com a vitória de Donald Trump para presidente dos Estados Unidos da América e com o Brexit (saída do Reino Unido da União Europeia) a palavra pós-verdade ganha destaque no mundo inteiro, sendo escolhida a palavra do ano, em 2016, pelo Dicionário Oxford. O crescente número de utilizadores das mídias digitais impulsiona o compartilhamento e disseminação de informações falsas, fragilizando ainda mais a noção de verdade. Saber as motivações de alguns brasileiros para o compartilhamento de desinformação é primordial para que se tenha noção dos riscos e consequências que isso representa para a sociedade brasileira.

A pesquisa contém abordagem quali-quantitativa, com o uso de questionário para a coleta de dados e a análise de discurso como instrumento analítico. Foram aplicados cinquenta e dois questionários. Os indivíduos participantes da pesquisa de campo são funcionários (professores, auxiliares de serviços gerais e auxiliares administrativos) da Rede Municipal de Ensino de Rosário/MA. Além das perguntas relacionadas ao compartilhamento de informações no WhatsApp, o questionário

contém informações sobre idade, renda, sexo e nível de instrução. A análise do questionário é feita à luz de alguns teóricos contidos na bibliografia deste trabalho de conclusão de curso. Assim, de forma complementar, a monografia também é composta por uma pesquisa bibliográfica para fundamentar o estudo desenvolvido.

2. A IMPORTÂNCIA DA VERDADE PARA A CONVIVÊNCIA HUMANA

Em uma sociedade civil organizada a verdade deveria nortear as ações dos indivíduos. Quando a maioria ou, pelo menos, uma parcela considerável da população possui consciência sobre os males que a mentira causa e/ou pode causar, isso possibilita uma vigília atenta sobre as falsas informações compartilhadas e disseminadas, principalmente através das mídias digitais.

De acordo com Johannes Hessen (2003, p. 119), “Quando descrevemos o fenômeno do conhecimento, constatamos que, para a consciência natural, a verdade do conhecimento consiste na concordância do conteúdo do pensamento com o objeto”. O autor se refere à verdade fatural. Nesse sentido, quando alguém distorce os fatos em prol de alguma ideologia, comete um atentado contra a verdade. Assim, uma versão em que o conteúdo do pensamento discorda do objeto, é uma informação falsa.

Combater diariamente a desinformação é algo fundamental e necessário para que se viva em um mundo mais verdadeiro. Quando a mentira e a desonestidade preponderam nas relações humanas, a impressão é que se vive imerso na falsidade. É como se as pessoas estivessem presas em uma caverna e só conseguissem perceber vultos e sombras, com a licença poética ao Mito da Caverna de Platão. É interessante observar como Platão (2004, p. 229), faz referência à educação, a partir de um diálogo entre Sócrates e Glauco, enquanto dimensão a ser construída e questionada pelo indivíduo para que sua evolução ocorra. Assim, seria necessário que as pessoas tomassem consciência do quanto é importante a aquisição do conhecimento, através da educação, para a superação das opiniões e crenças dadas como certas e imutáveis pela sociedade. Quanto mais o homem se educaria, mais deixaria as sombras e caminharia para a luz.

A superação da ignorância seria, portanto, um processo. Nesse sentido, a educação é fator primordial para que se alcance o conhecimento verdadeiro e seguro. Isso só possível quando as pessoas se dispõem a pesquisar, averiguar, testar e checar conscientemente as informações disponíveis, conforme prevê D’Ancona:

A sobrecarga de informações significa que todos nós devemos nos tornar editores: filtrar, checar e avaliar o que lemos. Da mesma forma que crianças são ensinadas a como entender textos impressos, suas faculdades críticas devem ser treinadas para enfrentar os desafios muito diferentes de um feed digital (D’ANCONA, 2018, p. 101).

Além disso, é necessário que o indivíduo tenha consciência da importância do conhecimento para a evolução da humanidade e para o aprimoramento das ações humanas. Também é fundamental que ele seja honesto.

A honestidade e o conhecimento são importantes porque impedem o indivíduo humano de criar, compartilhar e/ou divulgar informações falsas. Dessa maneira, ao receber uma desinformação via WhatsApp, uma pessoa veraz e honesta jamais a passará adiante.

Na atualidade, a verdade relacionada aos fatos sofre cotidianamente muitos ataques. De acordo com Hannah Arendt: “A falsidade deliberada, a mentira cabal, só entra em cena no domínio das afirmações fatuais” (ARENDR, 2016, p. 288). Isso significa que tanto a verdade científica como a verdade filosófica são mais difíceis de serem falseadas. Nesse sentido, a verdade fatural é um alvo fácil para as pessoas desonestas, aquelas que tentam distorcê-la e torná-la nula.

Também é importante observar o seguinte “... ninguém, aparentemente, tenha jamais acreditado em que a mentira organizada, tal como a conhecemos hoje em dia, pudesse ser uma arma adequada contra a verdade” (ARENDR, 2016, p. 288). Segundo Hannah Arendt (2016), da Antiguidade Clássica até o começo da Idade Moderna não havia uma preocupação com os efeitos que a mentira poderia causar no meio político e social.

Tanto na época em que Arendt viveu quanto nos dias atuais, a mentira organizada e disseminada como verdade representa um grande perigo para a vida em sociedade. É perigoso viver em um mundo que muitos indivíduos deliberadamente disseminam mentiras com o intuito de construir narrativas em prol de suas convicções pessoais. A propagação desenfreada de crenças e opiniões sem o compromisso com a verdade transforma o mundo em um lugar enganoso.

Uma maneira de tentar frear a proliferação de informações falsas é alertando pessoas que não têm muito conhecimento sobre o assunto. O esclarecimento sobre como se deve proceder ao receber alguma informação via WhatsApp ou outra mídia digital é essencial para a diminuição da circulação desse tipo de conteúdo. É evidente que o indivíduo desonesto não vai parar de compartilhar e disseminar desinformação devido a algum alerta. Nesse sentido, a mentira organizada e proliferada na sociedade não vai acabar, mas pode diminuir consideravelmente à medida que indivíduos honestos sejam orientados adequadamente sobre como identificar e não passar adiante informações falsas e/ou duvidosas.

A verdade é uma virtude humana que deve ser preservada e cultivada cotidianamente. É através dela que o mundo humano se torna salutar e seguro. Desse modo, não é possível construir bases sólidas com desonestidade e mentiras. Tudo aquilo que visa ao caos deve ser combatido e desconstruído.

Ao diferenciar verdade filosófica de verdade fatural, Hannah Arendt diz o seguinte:

A verdade fatural, ao contrário, relaciona-se sempre com outras pessoas: ela diz respeito a eventos e circunstâncias nas quais muitos são envolvidos; é estabelecida por testemunhas e depende de comprovação; existe apenas na medida em que se fala sobre ela, mesmo quando ocorre no domínio da intimidade (ARENDR, 2016, p. 295)

Percebe-se que, para Arendt (2016), a verdade relacionada aos fatos é frágil e pouco segura, já que pode ser facilmente manipulada e influenciada por crenças e opiniões. Dessa maneira, o indivíduo conta a sua própria versão dos fatos. Assim, um indivíduo mal-intencionado pode criar versões mentirosas de um determinado fato e passa-las adiante como se fossem verdadeiras. Daí a importância de estar sempre atento aos acontecimentos e sempre primar pela verdade, independentemente de qualquer benefício pessoal. Mais importante do que alertar alguém sobre a verdade dos fatos, é ser verdadeiro.

Ser verdadeiro não apenas com os outros, mas também com si mesmo. Um indivíduo precisa primordialmente ter consciência do que realmente é a verdade, pois só assim conseguirá legá-la à sociedade. Um dos casos mais emblemáticos da história da humanidade é o do filósofo grego Sócrates. Ele foi acusado, julgado, condenado e preso pelo tribunal de Atenas. Como era considerado o maior sábio daquela época, não tinha apenas inimigos, mas também muitos amigos e admiradores. Um deles se chamava Críton, um rico e influente cidadão ateniense. Valendo-se dessa amizade, tentou persuadi-lo a fugir da prisão, e, assim evitar a morte por envenenamento. Para isso, apelou aos mais íntimos e profundos sentimentos, como se observa a seguir: “Ou não se deve ter filhos ou, se os temos, devemos pensar neles com o máximo desvelo e esforço que sua educação exige” (PLATÃO, 1999, p. 103-104). Apesar do apelo, Sócrates rechaçou a ideia de fuga:

Teu empenho teria sido muito louvável, meu caro Críton, se estivesse de acordo com as normas da justiça; porém, ao contrário, será tanto mais merecedor de desonra quanto distante dela estiver. Em princípio teremos de analisar se devemos ou não fazer o que dizes, porque já sabes que é antigo meu hábito de não me sujeitar a outras razões que não à única que me parece

mais justa, após analisar todas as que são apresentadas. Mesmo que o destino esteja contra mim, jamais poderei abandonar os princípios básicos que sempre professei, pois sempre se me afiguram os mesmos e sempre os estimo em igual maneira. Se, por conseguinte, não encontramos razões mais sólidas, convence-te de que não me sujeitarei às tuas, ainda que todo o poder do povo se lançasse contra mim, e tu, para amedrontar-me, me ameaçasses como a um garoto com mil espantalhos, falando-me de sofrimentos mais cruéis do que minha presente desventura, com cadeias, perda de minha fortuna e morte (PLATÃO, 1999, p. 104).

O exemplo de Sócrates é de alguém que não apenas professou a verdade rotineiramente, mas a colocou no mais elevado patamar. Um homem que preferiu morrer a ser desonesto com si mesmo e com a sociedade da qual fazia parte. Assim, fugir da prisão significaria que sua vida sempre teria sido uma mentira. Nesse sentido, falar a verdade é um dever que jamais deve ser secundarizado.

O indivíduo que tem consciência da importância da verdade para o convívio humano, jamais maquia a realidade e/ou vive em um mundo de aparências. Para um sujeito consciente e honesto, viver em um mundo justo e verdadeiro é a meta a ser alcançada. Assim, a vida ideal é aquela em que as pessoas são conscientes e honestas.

Quando em determinada sociedade muitas pessoas emitem opiniões sem os devidos critérios de legitimidade, isso significa a sobreposição da mentira sobre a verdade. Por isso, é importante observar que, às vezes, o que se propaga por liberdade de opinião “é uma farsa, a não ser que a informação fatural seja garantida e que os próprios fatos não sejam questionados” (ARENDR, 2016, p. 295). Nesse sentido, não há como um sujeito consciente coadunar com preconceito (a ideia pré-concebida) e discriminação, e arrogar para isto o sentido de verdade. Assim, nem toda opinião deve ser respeitada e aceita. Jamais se deve tolerar aqueles que propagam ideias supremacistas e criminosas, por exemplo. O racismo, o ódio, a intolerância religiosa, a perseguição à ciência e qualquer outro tipo de anomalia social não podem prosperar no convívio humano, sob o risco de colocar em xeque a própria existência humana.

Ideias de exaltação a sistemas totalitários como fascismo e nazismo não podem ser consideradas normais. Também, em um país democrático, não se pode aceitar ataques que visem à destruição da democracia. O regime democrático assegura liberdade de opinião aos cidadãos, mas àqueles que atentam contra os poderes constituídos democraticamente devem ser punidos de acordo com as leis vigentes.

No Brasil, tornou-se comum pedir a destruição da democracia com o argumento de que vivemos em um país democrático. Do ponto de vista lógico, essa argumentação se mostra contraditória. Nesse sentido, ao se referirem ao princípio aristotélico de *não-contradição*, Maria Lúcia de Arruda Aranha e Maria Helena Pires Martins ressaltam o seguinte: "... não é possível afirmar e negar simultaneamente a mesma coisa, isto é, nenhum enunciado pode ser verdadeiro e falso" (ARANHA; MARTINS, 2003, p. 101). Democracia é o contrário de ditadura. Assim, quando pessoas saem às ruas pedindo golpe militar, atentam contra o regime democrático. É ilógico pedir ditadura militar com o argumento de que se vive em uma democracia.

A liberdade de expressão é primordial e indispensável em uma democracia. Mas é importante realçar que ser livre não significa fazer tudo que quiser. As regras, as normas e as leis devem ser cumpridas e respeitadas. Quando algumas pessoas atacam as instituições democraticamente constituídas, devem ser punidas de acordo com as leis vigentes.

Em uma democracia, a verdade sempre deve ser evidente. Quando ocorre o contrário, tudo tende ao obscurantismo: "a veracidade subjaz não apenas as reputações individuais, mas à saúde da sociedade como um todo" (KEYES, 2018, p. 38). Nesse sentido, quando a honestidade é relativizada, o fracasso social é inevitável. Desse modo, viver em um mundo dominado pela mentira, é como navegar em um mar de incertezas.

É importante salientar que, mesmo em um país democrático, é impossível que a verdade seja disseminada e compartilhada em sua totalidade. Sempre há aqueles que preferem a desonestidade e propagam indiscriminadamente informações falsas. O ato de enganar é característico de indivíduos que buscam a qualquer custo derrubar regimes democráticos e instaurar regimes autoritários.

À medida que mentiras são toleradas e mentirosos não são punidos, isso enfraquece não apenas a democracia, mas também a confiança na própria sociedade. Assim, a tendência da verdade é a relativização. Daí a importância de ser continuamente verdadeiro. A pessoa veraz é extremamente importante na manutenção do regime democrático e no fortalecimento dos laços sociais.

Assim como a democracia, a sociedade precisa da verdade para sobreviver. Quando a veracidade caminha para a ruína, a humanidade caminha junto. Nesse sentido, é importante ficar atento e incansavelmente defender e propagar o que é justo e verdadeiro.

O resultado de uma substituição coerente e total da verdade dos fatos por mentiras não é passarem estas a ser aceitas como verdade, e a verdade ser difamada como mentira, porém um processo de destruição do sentido mediante o qual nos orientamos no mundo real (ARENDDT, 2016, p. 317).

Ao observar o contexto político e social de seu tempo, Hannah Arendt percebeu que a relativização da verdade é algo que com o passar do tempo se torna comum e, assim, aquilo que é verdadeiro factualmente se torna insignificante. Desse modo, quando indivíduos ou grupos de indivíduos fabricam informações falsas e as repassam como se fossem verdadeiras, o principal objetivo é desacreditar a veracidade. Quando a maioria da população de um determinado Estado passa a duvidar da verdade, a mentira tende a prosperar.

Nos regimes democráticos, a falta de transparência de alguns políticos contribui para o descrédito da verdade e a preponderância da desconfiança, que é um terreno fértil para a disseminação de mentiras. Muitos oportunistas se aproveitam da indignação dos cidadãos com a classe política para fabricar, disseminar e lucrar com as informações falsas. Dessa forma, atacando a democracia e a colocando sob suspeita. Sobre a relação dos políticos com a verdade é interessante analisar o que diz Hannah Arendt:

Jamais alguém pôs em dúvida que a verdade e a política não se dão muito bem uma com a outra, e até hoje ninguém, que eu saiba, incluiu entre as virtudes políticas a sinceridade. Sempre se consideram as mentiras como ferramentas necessárias e justificáveis ao ofício não só do político ou do demagogo, como também do estadista (ARENDDT, 2016, p. 282-283).

De acordo com Arendt (2016), os políticos não são muito confiáveis e utilizam artimanhas para enganar os cidadãos e se manterem no poder. Assim sendo, ao longo do tempo, os indivíduos perdem a confiança na classe política e começam a desconfiar até mesmo daquilo que é verdadeiro. Nos países democráticos, a desonestidade de alguns políticos põe em risco não apenas a democracia, mas a sociedade como um todo. Viver na incerteza é como caminhar sem perspectivas de um futuro digno e justo para todos.

Diante de tanta incerteza, é necessário defender de maneira firme e forte a verdade. Não há como viver de modo saudável em um mundo desonesto. Por isso, deve-se sempre rechaçar os mentirosos, sejam políticos ou não. Primar pela veracidade é um dever de todo cidadão consciente e honesto. Pois, só assim é possível vislumbrar um futuro mais justo.

Ainda sobre a relação entre verdade e política é pertinente destacar o seguinte:

Visto do ponto de vista da política, a verdade tem um caráter despótico. Ela é, portanto, odiada por tiranos, que temem com a razão a competição de uma força coercitiva que não podem monopolizar, e desfruta de um estado um tanto precário aos olhos de governos que se assentam sobre o consentimento e abominam a coerção (ARENDR, 2016, p. 298).

A percepção de Hannah Arendt (2016) é que sobre a soberania da verdade é impossível que se cometam injustiças e atrocidades. Nesse sentido, a verdade é uma força gigantesca que determina como as coisas devem ser feitas. Assim, ela é odiada pelos tiranos e não muito querida pelos políticos de regimes democráticos. Isso faz com que, nos sistemas políticos, a veracidade seja desacreditada e relativizada.

Os estadistas autoritários não admitem que a verdade dos fatos prepondere e seja disseminada socialmente; já políticos de regimes democráticos sempre procuram um jeito para frear a verdade e não a tornar tão evidente. Nesse sentido, como Arendt (2016) deixou claro, a verdade fatural é odiada por políticos que só pensam em interesses individuais e particulares. É evidente que, nos países democráticos, nem todo político é egoísta e oportunista, também há aqueles que pensam no coletivo, em transformar a sociedade positivamente. O que a pensadora denuncia em *Verdade e política* é um tipo de “político” que não está interessado em desenvolver o bem-estar social. Ela também explicita que a ambição pelo poder e o desprezo pela veracidade é observado tanto nos regimes autoritários e totalitários como nas democracias.

No Brasil, um país democrático, é comum pessoas dizerem que todos os políticos são corruptos e por isso é necessário acabar com a democracia. Muitos desses indivíduos não estão preocupados com a disseminação da verdade, mas possuem o propósito de instaurar um governo que condiga com seus anseios particulares, que dizem respeito principalmente à religião e à família tradicional. Também existem os que apenas estão desiludidos com tanta falta de consideração pela honestidade.

Há pessoas que não possuem a compreensão do porquê da importância da verdade para o bem-estar social. Algumas por maldade, outras por ignorância. Há indivíduos que acreditam que o mal se paga com o próprio mal, não compreendendo que a necessidade de se lutar por uma sociedade justa e igualitária é benéfica para todos. O filósofo grego Sócrates defendia a ideia de que “jamais se devem cometer injustiças, nem pagar o mal com o mal, seja lá o que for que nos tiverem feito”

(PLATÃO, 1999, p. 108). Esse pensamento é importante para o entendimento de como a consciência do sujeito é primordial para o fortalecimento da verdade. Assim, é fundamental e necessário que a verdade seja propagada rotineiramente, mesmo que isso custe a vida de quem a defenda.

Quando a verdade é passada para segundo, terceiro, quarto, quinto... plano é porque a sociedade está em declínio. Então, é preciso que se faça uma crítica profunda sobre as mazelas que impedem o bem-estar social. É impossível transformar a sociedade positivamente sem levar em consideração a primazia da verdade. Sem a veracidade não existe democracia segura, sempre haverá grandes riscos de ruptura do regime democrático de direito.

A consciência social é fruto do grau de conhecimento que cada indivíduo possui. Assim, um cidadão verdadeiramente de bem sempre vai compreender que, em nenhuma hipótese, devem-se cometer injustiças, propagar mentiras e ser desonesto. Nesse sentido, quando o sujeito sofrer algum tipo de injustiça, jamais deve revidar da mesma maneira, ele sempre deve procurar os meios justos para resolver a questão. A justiça sempre deve prevalecer. A prevalência da justiça sobre a injustiça é o triunfo da verdade. Quando a veracidade se sobressai, a luz mais brilhante ilumina a sociedade e a noite se transforma em um dia esplendoroso.

Quando o que é divulgado e propagado não tem relação com os fatos, a escuridão prevalece. A mentira e a desonestidade tornam a vida obscura. Assim, com a relativização da verdade: o passado, o presente e o futuro são postos em xeque. Em uma sociedade imersa nas águas turvas da mentira e da desonestidade, tudo tende à incerteza. Nesse sentido, ao observar o modo como as notícias e as informações sobre a Guerra Civil Espanhola (1936 a 1939) eram propagadas na Espanha e na Europa, George Orwell afirmou o seguinte: “Com frequência me dá a sensação de que o próprio conceito de verdade objetiva está desaparecendo do mundo, afinal as possibilidades são de que as tais mentiras, ou então mentiras similares, vão acabar incorporadas à história” (ORWELL, 2020, p. 99). A preocupação de Orwell sobre o destino da verdade na Espanha do Ditador Francisco Franco diz respeito ao modo desonesto como as informações eram disseminadas e reproduzidas não apenas em território espanhol, mas também em outros países da Europa.

George Orwell tinha plena consciência de que a história não é apenas oralizada, mas também escrita pelos vencedores. Por isso, tinha uma gigantesca preocupação de como as mentiras contadas e escritas pelo regime franquista

poderiam afetar as gerações vindouras na Espanha, na Europa e no resto do mundo. Desse modo, quando os vencedores manipulam os fatos e desprezam a verdade, a consequência inevitável é que pessoas sejam enganados e passem adiante informações incorretas.

A compreensão do presente necessita do conhecimento do passado. Quando a história de um povo é escrita de maneira mentirosa, a compreensão do presente se torna impossível. Assim, a mentira anula tudo. É necessário que a verdade dos fatos sempre prevaleça, caso contrário, a história precisa ser analisada e reescrita. O passado, o presente e o futuro precisam estar conectados de maneira a assegurarem a verdade fatural.

Após a análise da importância da verdade para a convivência humana, no próximo tópico será estudada a maneira como as informações falsas contribuem para a secundarização da verdade. Esse estudo é necessário para que se compreenda como a pós-verdade emerge e se prolifera entre os indivíduos, principalmente através das mídias digitais e, ainda mais especificamente, do WhatsApp.

2.1. INFORMAÇÕES FALSAS E SECUNDARIZAÇÃO DA VERDADE

Nos dias atuais, é muito comum a circulação da expressão “fake news” no fazer cotidiano mais ordinário dos brasileiros. A abordagem desse tema é, em certa medida, naturalizada no noticiário da tevê, do rádio, dos impressos e, especialmente, nos conteúdos da Internet. Especificamente, aparece corriqueiramente nas mídias digitais e nas rodas de conversas entre amigos (on-line e off-line).

É importante salientar que a expressão fake news (notícia falsa) é problemática, principalmente em jornalismo. Isso porque

em qualquer manual da área você aprende que apurar e checar os fatos são etapas básicas do processo de produção do conteúdo informativo. Daí, considerando que a notícia é o produto final deste processo, como podemos ter uma fake news, quando para produzir a notícia eu, profissional do jornalismo, preciso garantir que ela não é falsa? (SANTOS, 2020, on-line).

A colocação do professor Márcio Carneiro dos Santos (2020) é importante para que se reflita sobre o termo adequado para se referir àquilo que corriqueiramente os indivíduos humanos denominam “fake news”. Nesse sentido, entende-se que o mais adequado é chamar esse fenômeno de desinformação ou informação falsa.

Santos (2020) é bastante enfático ao afirmar que as chamadas “fake news” se encontram tanto no campo do jornalismo como do não jornalismo. No campo jornalístico, o autor considera a falha na apuração dos fatos como algo que possui um fundo de verdade, ou seja, é um erro que pode ser corrigido; já o jornalismo fake é algo totalmente inventado (falso). No ambiente do não jornalismo, ele salienta que a paródia, o humor e a gozação podem ser considerados como algo que remete à verdade, apesar da descontextualização ou distorção dos fatos; nesse campo o que mais preocupa são: a indústria da “fake news” e a guerrilha social.

Temos a categoria de FAKE NEWS mais perigosa e merecedora do uso do termo: a produção deliberada de conteúdo falso, de desinformação, com o intuito de servir a uma agenda específica, que pode ser política, econômica, xenofóbica, racista, homofóbica ou qualquer outra variante, tão nociva quanto (SANTOS, 2020, on-line)

Assim sendo, compreende-se que as chamadas “fake news” estão em todos os âmbitos da vida social. Qualquer indivíduo desinformado e não prudente racionalmente é um vetor altamente potencial de propagação de informações falsas. Santos (2020) deixa claro que a produção e disseminação de “fake news” pode ser muito além do que uma singela brincadeira ou uma coisa desinteressada, é algo que pode afetar de maneira profunda e negativa a vida de indivíduos ou o futuro de Estados democraticamente constituídos.

As informações falsas não são um fenômeno recente. O que as torna virulentas e perigosas é o modo como são propagadas na atualidade.

Apesar de estarem entrelaçadas à história da humanidade, as fake news ganharam uma proporção maior nos dias atuais no ambiente digital. Isso porque a partir da internet uma mentira pode, rapidamente, e a um custo muito baixo, espalhar-se e alcançar dimensões inimagináveis (BITTENCOURT; ALEXANDRE, 2018, p. 138).

As autoras afirmam que o ambiente digital potencializa a desinformação. Nesse sentido, a rapidez com que as informações falsas se propagam é preocupante e pode causar prejuízos à sociedade. Por isso, a necessidade da checagem da informação o mais rápido possível, para alertar as pessoas sobre a veracidade ou falsidade dos fatos.

O contexto de pós-verdade facilita a disseminação de “fake news”, principalmente através do ambiente digital. Na internet, muitos indivíduos se sentem livres e encorajados a propagarem desinformação. Pessoas com pensamentos parecidos sobre determinado assunto, juntam-se para espalhar mentiras sobre aquilo

que ou quem consideram como ameaça. Também, acham-se livres para propagar informações sem a devida checagem.

Para muitos indivíduos, no mundo da internet, as crenças são mais importantes e preponderantes do que a razão. O que importa não é a exatidão dos fatos, mas a causa defendida. Assim, em aplicativos de mensagens como o WhatsApp são formados grupos de pessoas com a intensão de compartilhar coisas comuns. Nesse sentido, quando uma informação falsa é postada e/ou compartilhada, a regra não é checar a veracidade do fato, é divulgar para muitas pessoas. Dessa maneira, a desinformação é disseminada em muitos grupos de WhatsApp.

As informações falsas se popularizaram como “fake news” porque são repassadas como se fossem notícias. “De maneira geral, *fake news* significa notícias falsas, histórias inventadas para parecerem jornalismo crível, e amplamente difundidas com a intenção de influenciar o público-alvo, e fazer com que este divulgue a mensagem” (CARNIELLI; EPSTEIN, 2019, p. 325-326). Assim, aquele que produz a informação falsa como se fosse notícia, sabe que muitos utilizadores das mídias digitais vão passá-la adiante como se fosse verdade. Dessa forma, nos grupos de WhatsApp, Telegram e demais aplicativos de trocas de mensagens instantâneas, muitas “fake news” são compartilhadas por pessoas que acreditam cabalmente na veracidade daquilo que postam e compartilham. Por outro lado, em muitos casos, o compartilhamento se dá, não pelo cidadão comum, mas pelo sujeito que sabe que está espalhando uma mentira e o faz mesmo assim para obter vantagens eleitoreiras, políticas, ideológicas e comerciais. Dificilmente um grupo em que todos podem fazer postagens escapa da propagação de “fake news”.

É fundamental e necessário as pessoas entenderem que esse tipo de propagabilidade pode causar instabilidade social. Assim sendo, é impossível viver seguro em uma sociedade imersa na falsidade. Não há como se expressar de maneira segura em um Estado infectado pela mentira.

Fake news alteram a forma como a realidade é percebida, formam discussões públicas, afetam a imagem das instituições e das organizações, e colocam ameaças à segurança nacional. As *fake news* transformaram-se na grande vulnerabilidade do nosso tempo. Especialistas acreditam que uma das maneiras de se combater *fake news* é desenvolver habilidades de pensamento crítico, especialmente adaptadas para identificar esse tipo de notícia e para produzir o seu impacto sobre as crenças e os valores pessoais (CARNIELLI; EPSTEIN, 2019, p. 325).

Compreende-se que esse perigo denominado “fake news” pode ser superado com o pensamento crítico. Assim, é necessário que as pessoas deixem suas crenças e opiniões em segundo plano e priorizem a razão (ação justificável e coerente). O melhor remédio para esse vírus é a primazia da racionalidade.

É importante ressaltar que nem sempre a informação falsa é compartilhada e disseminada de maneira inconsciente, às vezes, o indivíduo sabe perfeitamente o que está compartilhando e propagando, e também os danos que isso pode causar. Canielli e Epstein (2019) usam o termo “desordem informativa” para se referir àqueles que compartilham a “fake news” conscientemente com o intuito de causar danos.

Sobre o que já foi escrito, é interessante observar o seguinte:

Notícias falsas costumam ser definidas como notícias, histórias, boatos, fofocas e rumores que são deliberadamente criadas para ludibriar ou fornecer informações enganadoras. Elas visam influenciar as crenças das pessoas, manipulá-las politicamente ou causar confusões em prol de interesses escusos (SANTAELLA, 2019, p. 29).

Percebe-se que, quando diz respeito às informações falsas, Santaella (2019) e Canielli e Epstein (2019) apontam na mesma direção. Nesse sentido, para eles, as “fake news” são uma ameaça para a sociedade, pois têm a intenção de desestabilizar a ordem vigente.

As histórias criadas com a intenção de influenciar pessoas e estabelecer o caos é uma estratégia usada por indivíduos que querem atingir aqueles que coadunam das mesmas crenças e opiniões. Para os produtores de “fake news”, o quanto mais desordem houver, maiores as chances de os objetivos serem alcançados. Mesmo aqueles que não acreditam no que é postado e compartilhado, sofrem impactos do conteúdo falso. Dessa maneira, a intenção é atingir um grande número de pessoas, para que assim o caos social seja instaurado.

Nos grupos de WhatsApp e Telegram, por exemplo, é comum o embate entre os que são contra (e pedem a regulação das plataformas sociais digitais) e os que são a favor do compartilhamento de “fake news” (sob a égide de que são a favor da liberdade de expressão e de opinião; como se isso fosse a mesma equação válida para a disseminação de desinformação e discurso de ódio, por exemplo).

O que os fanáticos das “redes sociais” não compreendem é que opinião não é argumento e, por vezes, pode ser crime. Cada indivíduo tem direito à própria opinião? “É claro que tem. Mas a questão é que as crenças e opiniões não tomam o lugar da

argumentação. Crenças e opiniões simplesmente não são argumentos” (CANIELLI; EPSTEIN, 2019, p. 327). Assim sendo, qualquer pessoa pode dar opiniões, desde que não criminosas, sobre qualquer assunto, o que não pode ser levado a sério é a questão da transformação da opinião em argumentação.

Nesse sentido, a veracidade dos fatos, em hipótese alguma, deve ser preterida, sempre deve ser preponderante.

Um fato é algo que pode ser provado ser verdadeiro. Por exemplo, é um fato que as células do corpo humano têm 23 pares de cromossomos. Esse fato pode ser provado pela biologia, embora se pensasse antes que haveriam 24 pares. Eu nunca vi um cromossomo, mas sei que isso é um fato pela consulta a fontes aceitas como confiáveis pela comunidade científica. É por isso que “fatos alternativos” e “factoides” simplesmente não podem existir, são absurdos (CANIELLI; EPSTEIN, 2019, p. 227-228).

Assim, fato é muito diferente de opinião. A opinião é fruto das crenças que o indivíduo carrega em si mesmo; já o fato é algo que existe independentemente da vontade de alguém, é algo que está fora do sujeito. Nesse sentido, o argumento é construído a partir dos fatos.

Argumentar é uma construção no âmbito das ideias. Assim, o argumento é um encadeamento lógico que explica algo a partir de fatos verdadeiros. Quando um indivíduo é convencido por outro através da argumentação, eles passam a ter pensamentos parecidos sobre a questão discutida. Desse modo, é impossível a opinião substituir o fato.

Ter direito de opinar sobre algo é totalmente diferente de ter direito de impor ou criar os próprios fatos. Dessa maneira, na propagação de informações na internet ou em qualquer outro lugar é extremamente importante a checagem dos fatos e a procedência do que é passado adiante. Mesmo na emissão de uma opinião, quando o assunto tem um viés subjetivo, é necessário e indispensável que o indivíduo humano fundamente o que diz. Isso é primordial para o entendimento do assunto e a credibilidade do que é proferido.

Não é novidade os comentários sobre a mentira circular em velocidade superior à verdade. “Nunca o antigo adágio de que a mentira viaja muito mais rápido do que a verdade pareceu tão atual” (D’ANCONA, 2018, p. 54). Na atualidade, com o advento e eminência da internet, esse ditado popular se torna ainda mais perceptível. As mentiras se propagam em velocidade alarmante, em questão de minutos muitas pessoas entram em contato com as informações falsas postadas e compartilhadas nas mídias digitais.

“Pode-se argumentar, e com razão, que a novidade não está nas fake news em si, mas na aparição de um instrumento capaz de reproduzi-las e disseminá-las com amplitude e velocidade inauditas” (FRIAS FILHO, 2018, p. 42). Esse autor é mais um que aponta a internet como potencializadora das informações falsas. Nesse sentido, é importante atentar para a importância das interações on-line nos dias atuais, tanto para o bem quanto para o mal. A facilidade de propagação aliada ao fascínio que muitas pessoas têm pelo que é embelezado, mesmo sendo falso, transforma o ambiente digital em um meio ideal para a proliferação de mentiras.

“Nunca houve um modo mais rápido e mais poderoso de espalhar uma mentira do que postá-la on-line” (D’ANCONA, 2018, p. 53). Nesse sentido, pessoas perversas e com a intenção de prejudicar alguém ou desestabilizar algo, propagam informações falsas pela internet, pois sabem que o conteúdo veiculado vai chegar a um número considerável de pessoas. Às vezes, mesmo pessoas que não acreditam em “fake news” acabam de alguma forma afetadas por elas, seja emocional ou socialmente.

Na internet, as coisas ganham proporções gigantescas. Às vezes, um grupo de WhatsApp para a defesa de uma determinada causa nem possui muitos membros, mas as postagens conseguem um alcance muito grande devido ao compartilhamento em vários grupos. No ambiente digital as pessoas encontram parceiros para tudo, nem sempre são muitos, mas conseguem fazer um grande alarde. Quando indivíduos com crenças e opiniões parecidas se reúnem para propagar o mal e conseguem lograr êxito, eles se sentem fortes e poderosos.

Também é importante salientar que, em um grupo de WhatsApp com pessoas de pensamentos diferentes, mesmo quando o alcance das “fake news” é pequeno, os propagadores de conteúdo falso se sentem fortificados, pois conseguem a atenção e a cumplicidade de quem pensa como eles.

Não só porque as pessoas passam muito tempo em interações digitais que elas aprendem novos modos de estar com o outro, para o bem e para o mal. Antes, quando alguém tinha uma crença bizarra ou fora de esquadro, sentia-se acuado e desenvolvia formas de se conter; agora ela encontra “parceiros” para tudo na internet, inclusive para o pior. E em grupo a gente fica valente. Em grupo na internet, então, parece que o Maracanã está nos aplaudindo, quando na verdade são quatro ou cinco simpatizantes (DUNKER, 2017, p. 31-32).

O autor deixa claro que interações entre pessoas no ambiente digital potencializam o enfraquecimento do diálogo e fortalecem o discurso de ódio. Nesse sentido, alguns indivíduos não procuram conversar para resolverem suas questões,

mas se juntam com outros para atacar aqueles que consideram inimigos. Assim, a internet se torna uma arma perigosa sob o domínio de elementos não comprometidos com a verdade fatural e contaminados por crenças e opiniões.

Nota-se que no ambiente digital os indivíduos se sentem livres para agir. Assim sendo, aquilo que normalmente eles não fazem na interação cara a cara com outras pessoas, fazem quando estão interagindo pela internet. O ambiente on-line desperta um sentimento de poder que possibilita a produção, compartilhamento e propagação de informações falsas. Desse modo, nos grupos de WhatsApp, indivíduos aparentemente inofensivos na vida cotidiana se tornam perigosos e um risco para a ordem estabelecida.

É importante lembrar que o contexto de pós-verdade possibilita a proliferação de informações falsas não apenas na internet, mas também na vida cotidiana nas relações interpessoais. A principal diferença, como já foi dito, é que no ambiente on-line as informações se espalham muito mais rápido. “Mentir tornou-se, essencialmente, uma transgressão sem culpa. ‘Está tudo bem’, dizemos daqueles que são pegos dissimulando. ‘A intenção era boa’. ‘Quem sou eu para julgar?’ E o argumento definitivo: ‘Aliás, o que é a verdade?’” (KEYES, 2018, p. 17). Compreende-se que a desonestidade se tornou algo corriqueiro entre as pessoas. Muitos indivíduos não se sentem culpados por espalhar mentiras e enganar os outros. Nesse sentido, uma maior evidência da mentira como algo que faz parte da vida humana e não deve ser condenada, mas considerada comum, leva ao enfraquecimento e inutilidade da noção de verdade. A prevalência do verdadeiro sobre o falso é de extrema importância para que a sociedade possa sobreviver de maneira saudável, sem o espectro da pós-verdade.

“Notícias falsas fazem-se acompanhar de imagens ou vídeos falsos. Esteja atento à manipulação que pode ocorrer nessas situações. O conteúdo pode até ser verdadeiro, todavia pode estar fora de contexto ou ter o significado enviesado” (COSTA, 2018, p. 13). O exemplo é importante para que pessoas não sejam enganadas e manipuladas por meio de informações falsas. O quanto mais atento e cuidadoso um internauta for, maiores as chances de detectar algo de errado na internet. Assim, um simples “meme” ou uma singela piada pode conter uma gigantesca intenção de ridicularizar ou prejudicar alguém.

A descontextualização de vídeos e imagens com o intuito de prejudicar alguém é comum nas mídias digitais. Muitas pessoas compartilham o conteúdo por

acreditarem na veracidade do que está sendo veiculado, já outras passam adiante pelo simples fato de acharem engraçados e inofensivos. Nesse sentido, o mais importante é o respeito pelo outro e a compreensão de que há coisas que não podem ser encaradas como brincadeiras. Assim, aqueles que possuem entendimento sobre os impactos negativos que uma imagem ou um vídeo falso pode causar em algo ou alguém, não devem compartilhar esse tipo de conteúdo.

Pode-se descontextualizar um fato para fazê-lo parecer o que não é, condenar à não existência midiática alguém que vive de voto, brincar com a inversão da relevância do que alguém disse ou deixou de dizer até fazer do sujeito o avesso de si mesmo (MESQUITA, 2018, p. 37).

Na citação, o autor alerta para os riscos do compartilhamento das informações falsas para a reputação das pessoas. Assim, um político pode através de distorções de dados e informações falsas difamar um oponente e se fortalecer politicamente. A “fake news” possui o poder de destruir reputações e vidas. Desse modo, a descontextualização proposital é um mal que não deve ser compartilhado. O combate à desinformação deve ser um objetivo de todo cidadão que prima pela verdade e pela razão.

O quanto mais pessoas as informações falsas atingem, mais danosas elas se tornam à sociedade. “Uma vez instalada uma crença falsa, ela tende a durar mais que um casamento” (CARNIELLI; EPSTEIN, 2019, p, 331). Nesse sentido, o combate à desinformação é uma forma de manter a ordem social. Quando, em uma sociedade, muitas pessoas estão confusas e mal orientadas, elas tendem a repassar informações sem o devido rigor e a devida checagem das fontes. Esses indivíduos têm uma grande propensão para incorporar crenças falsas e acreditar no que não é verdadeiro.

A navegação na internet deve ser atenta, para que assim se identifique o que é verdadeiro e o que é falso. O conteúdo enganoso ou duvidoso não deve ser compartilhado. Quem compartilha “fake news” está cometendo crime, mesmo que o utilizador do WhatsApp ou de outra plataforma digital não tenha consciência disso no momento do ato. Desse modo, o quanto mais conscientes, maiores as possibilidades de os indivíduos não propagarem desinformação nas mídias digitais.

Geralmente as “fake news” não são produzidas de maneira desinteressada, elas são feitas por um indivíduo ou grupo de indivíduos que visam a um alvo. Sobre isso é importante ressaltar o seguinte:

Quem produz *fake news* tem uma intenção, tem um alvo em vista, para o qual a postagem é direcionada. O público provavelmente aprovará e consumirá o tipo de notícia que reflete a ideologia dominante em sua bolha epistêmica. Uma vez que o público é identificado, torna-se claro o que a notícia ou postagem quer influenciar (CARNIELLI; EPSTEIN, 2019, p. 335).

Nesse sentido, os produtores de informações falsas direcionam o conteúdo enganoso para indivíduos que compartilham, e assim proliferam as “fake news”. Existe também o alvo a ser atingido negativamente pela desinformação, que pode ser uma pessoa comum, um político, um empresário, um grupo de indivíduos, uma organização não governamental, uma empresa, um Estado ou qualquer outro ente. Desse modo, quando muitas pessoas postam e compartilham conteúdos falsos sobre determinada pessoa, fica difícil de ela se defender, ainda que a verdade esteja do lado dela. No contexto de pós-verdade dos dias atuais, muitas vezes as crenças e opiniões são mais fortes do que a noção de verdade.

A identificação das chamadas “fake news” não é tão difícil quanto às vezes parece. O que se deve fazer nas mídias digitais é ficar atento para alguns indícios. Assim, o indivíduo que utiliza o WhatsApp deve perceber o seguinte:

A maioria das *fake news* compartilhadas nas redes sociais não tem autor identificado – principalmente os textos repassados pelo Whatsapp que não estão hospedados em nenhum site. Duvide imediatamente nesses casos. É muito fácil compor um texto e compartilhar dizendo que “foi recebido de uma fonte confiável” (CARNIELLI; EPSTEIN, 2019, p. 342).

Como ressaltam os autores, na citação, é necessário ter atenção e duvidar do que é postado e compartilhado nas mídias digitais. E ainda que as postagens tenham autores identificados, é preciso uma checagem criteriosa e rigorosa. Passar adiante uma informação falsa, é compartilhar crenças e opiniões que visam ao caos e à destruição.

Neste tópico foi feita uma análise sobre a maneira como as informações falsas contribuem para a secundarização da verdade, já no próximo será feito um estudo aprofundado sobre a era da pós-verdade. A compreensão do atual contexto de pós-verdade é primordial para o esclarecimento de como a desinformação se prolifera no relacionamento interpessoal, principalmente no ambiente on-line.

2.2. A ERA DA PÓS-VERDADE

De acordo com Santaella (2019), o termo pós-verdade foi usado pela primeira vez por Steve Tesich, em 1992, na revista *The Nation*, para se referir ao escândalo do Iran e da Guerra do Golfo. E para D'Ancona (2018) foi em 2016 que a era da pós-verdade foi lançada de forma definitiva.

Vive-se na era da pós-verdade. Uma época em que um número significativo de indivíduos não se preocupa com a verdade dos fatos, mas apenas em afirmar e reafirmar as próprias crenças e opiniões. Um tempo em que a emoção é mais preponderante do que a razão.

Mesmo embora sempre tenha havido mentirosos, as mentiras têm geralmente sido contadas com hesitação, uma pitada de ansiedade, um bocado de culpa, um pouco de vergonha, e, pelo menos, alguma timidez. Agora, pessoas inteligentes que somos, apresentamos razões para manipular a verdade, de modo que possamos dissimular sem culpa. Eu chamo isso de pós-verdade. Vivemos em uma era da pós-verdade (KEYES, 2018, p. 20).

Desse modo, na era da pós-verdade, a mentira passa a ser algo comum e corriqueiro. De acordo com Keyes (2018), na atualidade, a dissimulação é uma transgressão sem culpa, muitos indivíduos sentem orgulho de serem desonestos. Nesse sentido, a manipulação de informações em prol de uma causa, ainda que prejudique profundamente alguém ou algo, não fará com que o autor do dano sinta remorso. O mais importante para quem age de maneira perversa e desonesta no atual contexto de pós-verdade é a satisfação e o prazer da sensação de dever cumprido.

Muitas pessoas formam grupos numerosos para questionar teorias científicas e defender as próprias convicções, sem base sólida. Um exemplo disso é a crença na estória da "Terra plana". Nesse sentido, vive-se em um tempo em que pessoas têm orgulho de serem estúpidas.

Entramos em uma nova fase de combate político e intelectual, em que ortodoxias e instituições democráticas estão sendo abaladas em suas bases por uma onda de populismo ameaçador. A racionalidade está ameaçada pela emoção; a diversidade pelo nativismo; a liberdade, por um movimento rumo à autocracia. Mais do que nunca, a prática da política é percebida como um jogo de soma zero, em vez de uma disputa entre ideias. A ciência é tratada com suspeição e, às vezes, franco desprezo (D'ANCONA, 2018, p. 19).

Na atualidade, como afirmado na citação, tudo tende ao relativismo. Até as coisas que, em outras épocas, pareciam inabaláveis, indubitáveis e inquestionáveis são colocados sob suspeitas e ridicularizadas. "Entre o discurso terraplanista, o

movimento antivacina e outros negacionismos que vão na contramão dos postulados científicos, emerge a crença de que a humanidade estaria adentrando uma era da pós-verdade” (MARTINS FILHO, 2021, p. 26). Assim, a ciência e a racionalidade são postas em xeque. Um exemplo disso foi o questionamento em 2019, pelo presidente do Brasil, dos dados obtidos e divulgados pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). O então chefe do executivo nacional acusou o Inpe de mentir sobre dados que indicavam alta no desmatamento da Amazônia. A pressão do presidente da república e seus fiéis seguidores levou à demissão do diretor do Instituto, Ricardo Galvão.

“Se o líder afirma que tal evento ‘nunca aconteceu’ – bem, então nunca aconteceu. Se ele diz que dois mais dois são cinco – então dois mais dois são cinco. Essa perspectiva me apavora bem mais do que qualquer bomba” (ORWELL, 2020, p. 102). A preocupação do autor com as consequências catastróficas que as mentiras produzidas e propagadas pelos nazistas poderiam causar à história da humanidade é interessante para se pensar o atual contexto de pós-verdade. Essa situação descrita por Orwell (2020) pode ser comparada ao período (2019-2022) vivido no Brasil. Nesse período, o líder (presidente da república) mentia e desmentia as coisas ao seu bel-prazer, sem, aparentemente, nenhuma preocupação com a verdade fatural ou científica. Tudo o que ele dizia e desdizia era tido como verdade absoluta por seus fanáticos seguidores. Um exemplo disso é o caso citado no parágrafo anterior, a demissão do diretor do Inpe, em 2019.

A defesa da noção de verdade é essencial para uma boa convivência humana. Defender essa ideia não significa pensar acriticamente. É óbvio que as coisas precisam ser questionadas, mas isso deve ser feito de maneira racional e imparcial, nunca ignorando as evidências e provas concretas.

A pragmática não elimina nem reduz de importância a noção de verdade, mas critica uma verdade definida apenas em termos realistas, ou seja, enquanto correspondência entre proposições e o real descrito por essas proposições, e problematiza a possibilidade de verdades absolutas, conhecidas independentemente de um contexto e estabelecidas de modo conclusivo (MARCONDES, 2000, p. 41).

Diante do que foi dito sobre a pragmática, compreende-se que a noção de verdade não deve ser diminuída nem relativizada de maneira negativa, mas entendida de maneira racional. Assim, “a pragmática complementa a noção de verdade com as noções de sucesso e felicidade, que devem dar conta especificamente da

consideração da linguagem como ação, como produzindo efeitos e consequências em contextos determinados” (MARCONDES, 2000, p. 41). Nesse sentido, a verdade deve produzir efeitos positivos e práticos para os indivíduos humanos. Quando o verdadeiro é deturpado em detrimento do falso, a sociedade tende à fragilidade.

Ao espectro da verdade pertence o termo pós-verdade. Conceito que coloca em questão o fim da verdade como um valor maior. Se não seu fim, pelo menos está em jogo a sua inutilidade. Com a ideia de pós-verdade, trata-se de falar de uma verdade útil. Da verdade consumível e consumida. A verdade possível quando a forma mercadoria dita que ela mesma é a verdade (TIBURI, 2017, p. 97).

Márcia Tiburi (2017) diz que a pós-verdade provoca a inferiorização da verdade. Nesse sentido, quanto mais o contexto de pós-verdade se torna presente na sociedade, mais aquilo que é verdadeiro se torna secundário e inútil. Assim, a era da pós-verdade é caracterizada principalmente pela corrosão da noção de verdade.

A atual situação sobre a falta de solidez de tudo aquilo que envolve as relações humanas, relembra ensinamentos e diagnósticos anteriores: “Tudo que era sólido e estável se desmancha no ar, tudo o que era sagrado é profanado e os homens são obrigados finalmente a encarar sem ilusões a sua posição social e as suas relações com os outros homens” (MARX; ENGELS, 2010, p. 43). Nesse sentido, os autores estão se referindo ao modo como a burguesia transforma as relações humanas. Para eles, o modo de vida capitalista leva inevitavelmente ao declínio da vida em sociedade.

Dessa maneira, a era da pós-verdade é resultado de um processo histórico. Há muitas diferenças sociais do tempo (1848) em que o *Manifesto Comunista* foi publicado pela primeira vez para os dias atuais, mas talvez a principal delas seja o advento da internet. A internet possibilita que indivíduos geograficamente distantes uns dos outros interajam como se estivessem em uma praça pública, alterando, inclusive a noção do que é visível, coletivo e presente. Desse modo, em comparação a outras épocas, as relações humanas atuais se modificaram rápida e profundamente. Hoje é possível, em questão de minutos, atingir com uma informação (falsa ou verdadeira) um número gigantesco de pessoas espalhadas pelo mundo todo. Só que no ambiente on-line as coisas tendem à falta de rigor muito maior, levando a uma relativização de quase tudo. Assim sendo, levando em consideração o que Marx e Engels (2010) disseram, compreende-se que o contexto de pós-verdade em que se vive atualmente foi gerado pelo modo de vida imposto pela burguesia capitalista ao longo do tempo.

Ao analisar de maneira mais profunda e menos superficial a vida cotidiana, “sentimos que as sólidas formações sociais à nossa volta se diluíram” (BERMAN, 2007, p. 114). Na citação, Berman (2007) ratifica o que Marx e Engels (2010) afirmam sobre relações humanas na modernidade. Assim, a relativização das relações interpessoais, sob o jugo do capitalismo, provoca mazelas que afetam negativamente a vida dos seres humanos.

O quanto mais as pessoas se preocupam em consumir e levar a vida sem perceber positivamente a presença do outro, mais as relações sociais se diluem e provocam o fortalecimento de fenômenos como o da pós-verdade. De acordo com Marx e Engels (2010), a burguesia criou coisas extraordinárias, como nunca antes tinha ocorrido na história da humanidade, mas as usa para fins desumanos.

Apesar de todos os maravilhosos meios de atividade desencadeados pela burguesia, a única atividade que de fato conta, para seus membros, é fazer dinheiro, acumular capital, armazenar excedentes; todos os seus empreendimentos são apenas meios para atingir esse fim, não têm em si senão um interesse transitório e intermediário (BERMAN, 2007, p. 116).

Assim, pode-se dizer que o capitalismo provoca uma desumanização nas relações interpessoais, tudo se transforma em mercadoria. Dessa maneira, o produto precisa ser consumido para alavancar o modo de vida desenvolvido pela burguesia. O ser humano passa a ser tratado como máquina. Isso se desenvolve de um tal modo que os não burgueses passam a reproduzir o que é ditado pela classe dominante. Nesse sentido, o indivíduo humano deixa de se desenvolver como sujeito e se transforma em objeto.

No atual contexto da vida humana, o lado racional de muitos indivíduos dá lugar ao emocional, ou seja, a subjetividade prospera sobre a objetividade. Assim, esses seres humanos não se preocupam em pensar profundamente sobre as coisas, em analisá-las de maneira imparcial (diferente aqui do sentido de neutralidade), em checar os fatos para emitir opiniões e divulgar informações. Para essas pessoas, o certo é o que tem a ver com suas próprias convicções, ainda que não haja dados suficientes para comprová-las. Dessa maneira, na internet, indivíduos se juntam para propagar ódio e desinformação.

Os grupos horizontais, definidos pela partilha de um traço comum, rapidamente foram substituídos por grupos de guerra, muito mais fáceis de constituir, baseados no ódio contra um inimigo comum. Um fato importante na nova cultura da indiferença e do ódio é que nossas respostas não são

exatamente concentradas no que o outro diz, mas no ambiente, no contexto, no que se ajusta bem a paisagem (DUNKER, 2017, p. 31)

No contexto de pós-verdade, tudo é ajustado de acordo com as vontades e interesses de indivíduos e/ou de grupos que tentam impor a qualquer custo ideias que consideram indispensáveis para a vida em sociedade. Assim, esses indivíduos são capazes de qualquer coisa para influenciar a opinião de outras pessoas e conseqüente implantar aquilo a que aspiram. Nesse sentido, propagam o ódio contra tudo e todos que consideram inimigos.

“A pós-verdade é antes de tudo uma verdade contextual, que não pode ser escrita, posta no bolso e representada amanhã, como garantia de fidelidade, compromisso ou esperança gerada pela palavra” (DUNKER, 2017, p. 15). Desse modo, a pós-verdade é uma degeneração da verdade e o quanto mais ela perdurar, mais o futuro da humanidade estará em risco. Não há como viver bem imerso na mentira. A sensação é de que se vive no erro e no engano, é como se tudo se transformasse em simulacro.

Antes de 2016, advento definitivo da pós-verdade, ao fazer uma análise da mídia, Marilena Chaui (2006) afirma que os meios de comunicação de massa transformaram a vida humana em um simulacro, ou seja, a noção de verdade foi substituída por uma fantasia. Ao comentar sobre a cerimônia de casamento da princesa Diana com o príncipe Charles, ela destaca o seguinte: “O espetáculo não se referia ao acontecimento e sim à encenação do acontecimento, ao seu simulacro (CHAUÍ, 2006, p. 17). Desse modo, para que tudo parecesse perfeito aos olhos de pessoas espalhadas pelo mundo inteiro, a televisão criou um cenário perfeito, um conto de fadas para um casamento tão importante.

Certamente, o ponto culminante da encenação e do simulacro foi alcançado pela rede de notícias *CNN* com a transmissão, ao vivo e em cores, da Guerra do Golfo, em 1991, transformada em festa de fogos de artifício, sem mortos nem feridos, sem dor e sem odor. Um entretenimento (CHAUÍ, 2006, p. 20).

De acordo com Marilena Chauí (2006), o simulacro é produzido pelos meios de comunicação e passa a vigorar como se fosse a própria realidade. Assim, o público não tem contato com a realidade em si, mas com uma cópia produzida a partir das determinações ideológicas de quem detém o poder de disseminar informações.

A análise de Chaui (2006) é importante para entender o contexto de pós-verdade existente a partir de 2016. O que significativamente muda do tempo que

Marilena Chaui publicou *Simulacro e poder: uma análise da mídia* para os dias atuais é o modo como o simulacro é produzido. Na atualidade, qualquer pessoa ou grupo de pessoas pode divulgar desinformação e alcançar um número significativo de indivíduos espalhados pelo território nacional e pelo resto do mundo. Em tempos passados, isso era mais difícil, pois poucos tinham esse privilégio.

Assim, é importante realçar que “a pós-verdade explora uma característica muito curiosa da internet que é a sua relativa flutuação de autoridade, o que, considerado por outro ângulo, é um dos seus aspectos mais democráticos” (DUNKER, 2017, p. 36). Desse modo, o contexto de pós-verdade vivido atualmente se caracteriza também por uma mudança ou adição de poder. Nesse sentido, pessoas que antes não tinham voz e nem vez agora podem mudar o destino de um Estado, ainda que seja para o mal. Mesmo a flutuação de autoridade sendo algo aparentemente positivo, não passa de uma falácia, pois aparenta ser verdadeiro, mas é falso.

Ao se referir ao fenômeno da pós-verdade e a proliferação de informações falsas pela internet, Carlos Alberto Ávila Araújo (2022) destaca o seguinte:

Junto a esse fenômeno há, também, a disseminação em massa de notícias falsas. Embora isso não seja um fenômeno exatamente novo, há sim uma dinâmica nova, que é a sua circulação de maneira apócrifa, por meio de repasses feitos por pessoas comuns, verificando-se a ausência de regulações como aquelas que incidem sobre as instituições jornalísticas ou educacionais, numa lógica em que toda informação teria o mesmo peso ou valor, independente de sua qualidade, de sua checagem e do compromisso institucional por detrás de sua produção (ARAÚJO, 2022, p. 22).

Uma questão importante abordada por Araújo (2022) é que no atual contexto de pós-verdade, indivíduos defendem a ideia de que qualquer informação deve ser repassada indiscriminadamente, independentemente da fonte. Essa é uma ideia perigosa e absurda, pois possibilita que pessoas maldosas proliferem e compartilhem o que bem entenderem. O quanto mais informações falsas são postadas e compartilhadas nas mídias digitais, mais forte a pós-verdade fica.

Marilena Chaui (2006) fala sobre a criação de simulacros pela imprensa, principalmente a televisão, já Eugênio Bucci (2018) afirma que os jornais europeus e estadunidenses do fim do século XVIII e início do século XIX veiculavam mentiras descaradamente, sem compromisso com a verdade dos fatos.

O pior é que o oposto da verdade, ou seja, a mentira nua e crua, esta não escapa ao jornalismo. A mentira de imprensa é tão antiga quanto a imprensa. Quando olhamos os jornais da virada do século XVIII para o século XIX na Europa e nos Estados Unidos, vemos um festival de calúnias e xingamentos

sem nenhum compromisso com o equilíbrio, a ponderação e a objetividade (BUCCI, 2018, p. 23)

Eugênio Bucci (2018) cita o exemplo dos jornais da Europa e dos Estados Unidos para ressaltar a ideia de que a propagação de “fake news” não é um fenômeno novo. Antes do advento da internet, a desinformação já era usada para atingir “inimigos” e afirmar e reafirmar crenças e opiniões.

Não há nenhuma novidade na tentativa de falsificação política através da distorção de fatos e informações. O novo é que estamos em uma nova era, turbinada pela internet e pelas redes sociais, em que o crescimento é viral e o efeito, exponencialmente explosivo. O novo é o Facebook, o Google e o Twitter, não a tentativa de contar mentiras ou falsificar informações, o que sempre existiu na história do mundo (GENESINI, 2018, p. 49).

A colocação de Sílvio Genesini (2018) sobre a disseminação de mentiras para atingir adversários vai ao encontro do que resalta Bucci (2018). Nesse sentido, o interessante é focar no fato da velocidade, quantidade e abrangência das informações falsas. Na internet, os conteúdos se espalham em uma velocidade nunca antes ocorrida na história da humanidade. Também, em questão de minutos é possível postar e compartilhar um número gigantesco de informações. E assim, esse conteúdo pode chegar a muitos milhões de pessoas espalhadas pelo mundo inteiro.

Não é doloroso lembrar que o interesse pela verdade enaltece o espírito humano. “Na história da filosofia mais tradicional, a verdade é o objeto de uma busca” (TIBURI, 2017, p. 99). Nesse sentido, quando a noção de verdade é buscada e desejada, a sociedade se eleva e segue por caminhos seguros. Esse objeto de busca é um anseio daqueles que aspiram a um conhecimento profundo, que buscam entender como certas coisas são e funcionam. A busca pela verdade é uma característica dos que querem ir além do comum, de modo responsável e racional.

As informações falsas e o discurso de ódio propagados pelas mídias digitais é uma evidência do contexto de pós-verdade vivido atualmente.

“No rol dos discursos prontos, encontramos o discurso fascista, aquele que parte do princípio de negação do outro e alcança a valorização de si por meio da diminuição do outro. É uma astúcia medíocre, uma pequena astúcia do cotidiano, que tem uma razão prática, bem conhecida nas redes. A de capitalizar o sujeito pelo uso de uma verbalidade menos que barata, lavagem feita de restos de porcos, para usar uma metáfora nada elegante” (TIBURI, 2017, p. 106).

De acordo com Márcia Tiburi (2017), o comportamento fascista é altamente danoso à sociedade. Esse comportamento põe em risco as relações interpessoais,

pois o fascista se sente poderoso e realizado com a humilhação e diminuição daquele que considera inimigo ou inferior. Assim sendo, a internet contribui para o fortalecimento do discurso de ódio, através da postagem, do compartilhamento e da disseminação de informações falsas. No ambiente on-line, os agentes da pós-verdade se sentem livres para xingar, humilhar, inferiorizar e espalhar desinformação de maneira desenfreada.

A subjetividade autoritária, aquela que caracteriza o fascista em potencial, se expressa como violência. A violência é o caráter do discurso que ele emite. Ao mesmo tempo, essa violência é fruto de uma intencionalidade esvaziada do pensamento reflexivo, o que faz com que a fala do sujeito fascista não tenha nenhum conteúdo cuja qualidade tenha sido a de ter passado por um crivo, do mesmo modo é esvaziada de sentimentos elaborados e plena de emoções brutas, tais como o medo e o ódio, assim como, por fim, sua capacidade de ação é efeito de obediência a ordens cujos sentido ele é incapaz de questionar (TIBURI, 2017, p. 106-107).

Entende-se que a subjetividade inerente aos produtores e compartilhadores de desinformação cuja intenção é causar dano a algo, a alguém ou à sociedade é autoritária. O indivíduo usa a violência para atingir o seu alvo. O discurso desse indivíduo não tem relação com a noção de verdade objetiva ou científica, mas com crenças e opiniões que servem para ferir o inimigo em potencial. Assim, esse tipo de gente não se preocupa com a verdade dos fatos nem com o pensamento crítico e reflexivo que visa à elevação do espírito humano. Ele só se preocupa em reafirmar as próprias opiniões e preconceitos. Nesse sentido, o fascista descrito por Márcia Tiburi (2017) é alguém que tenta causar o caos e a destruição, um indivíduo miserável espiritualmente.

“A pós-verdade é e sempre foi verdadeira. Quer dizer, deve haver uma verdade, aquela dos fatos ocorridos, que as *fake news* estão hoje levando à derrocada, o que legitima a denominação ‘pós-verdade’” (SANTAELLA, 2019, 76). Nesse sentido, para haver a pós-verdade é necessário que exista ou tenha existido a verdade fatural, que é secundarizada pela emissão desenfreada da mentira. Assim, a mentira se encontra entre a verdade e a pós-verdade. Também, de acordo com Santaella (2019), a pós-verdade não é algo novo, apenas está em plena evidência.

Voltando a questão da importância da verdade para a convivência humana, é necessário não esquecer que o sujeito jamais deve ter vergonha de ser honesto, de disseminar informações verdadeiras sem a intenção de prejudicar alguém ou algo. A vida em sociedade requer a presença do outro. Não há como viver em uma sociedade

ético-política sem depender de outras pessoas. As peças de vestuário, os alimentos, o entretenimento, a prestação de serviços, enfim, praticamente tudo que o indivíduo humano consome depende de outras pessoas. O único jeito de não depender mais de ninguém, só de si mesmo, é vivendo de maneira isolada, sem a presença de outrem. Por essas e outras razões é necessário respeitar o próximo, estreitar os laços de amizade e fraternidade, fortalecer os direitos humanos e contribuir de maneira positiva para a harmonia e paz social. O bem-estar social depende das ações e atitudes de cada cidadão, depende das relações criadas e fortificadas ao longo tempo.

Tão importante quanto elevar os padrões éticos é tornar os elos humanos fortes o suficiente para que aqueles que os apreciem pensem duas vezes antes de contarem uns aos outros uma mentira. Nada encoraja a veracidade mais do que se sentir conectado com as outras pessoas que vimos ontem e podemos ver amanhã. Porquanto a honestidade é tão importante entre aqueles que interagem regularmente, dizer a verdade é uma maneira de afirmar laços humanos. Quanto mais ligados nos sentimos aos outros, menor a probabilidade de enganá-los. Assim como mentir degrada as conexões humanas, a veracidade as revigora. Nesse sentido, a honestidade é um sinal de aspiração, de esperança, de fé na perspectiva da comunidade humana (KEYES, 2018, p. 249).

A verdade é um bem que as pessoas jamais deveriam abrir mão. Mas para que a verdade seja fortalecida é necessário que os indivíduos humanos estejam inseridos constantemente em um contexto coletivo-educativo-reflexivo sobre a própria realidade. O quanto mais perto as pessoas ficam umas das outras, mais os laços humanos se fortificam. Mais importante do que as palavras bonitas são as atitudes e as ações em prol do bem comum. Nesse sentido, um caminho viável para o enfraquecimento da pós-verdade é a união entre os seres humanos conscientes que compreendem a importância da noção de verdade para o convívio social.

A partir de então, o próximo capítulo tentará mostrar o percurso metodológico desta pesquisa. Nele é explicado como o questionário foi aplicado e os dados coletados, também contém a apresentação e discussão dos resultados.

3. PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA DE CAMPO

Esta monografia também é composta por uma pesquisa de campo com a aplicação de um questionário, como instrumento de coleta de dados. O questionário contém dez perguntas, sendo as quatro primeiras sobre renda, idade, nível de instrução e sexo. As outras seis perguntas são as seguintes: Com que frequência você utiliza o WhatsApp?; Com que frequência você costuma compartilhar informações via WhatsApp?; Antes de postar ou compartilhar uma informação no WhatsApp você checa a fonte para saber se é confiável ou não?; Uma informação confiável no WhatsApp é aquela postada ou compartilhada por pessoas que possuem ideias parecidas com as que você defende?; O que é mais importante: a checagem dos fatos por um jornalista sério e comprometido com a verdade objetiva ou a opinião, sem base fatural, de uma pessoa que você ama e admira muito?; Você já compartilhou, no WhatsApp, alguma informação que depois descobriu ser falsa?

As quatro primeiras perguntas são importantes para a compreensão da condição socioeconômica dos entrevistados. Já as outras seis são fundamentais para que se saiba como essas pessoas pensam e agem (ou pelo menos dizem que agem) a respeito da postagem e compartilhamento de informações via WhatsApp. Desse modo, todas as perguntas contribuem para uma resolução mais detalhada da pesquisa.

O questionário foi aplicado, via internet, durante dez dias (de 19 a 29 de maio de 2023), com o total de cinquenta e dois participantes voluntariamente respondentes e anonimizados. Foi enviado um link para o WhatsApp da pessoa que se comprometeu a responder as perguntas. Cada participante só pôde dar uma resposta. Também, não foi permitida a identificação, sendo que não foi registrado nem nome nem e-mail.

Os cinquenta e dois participantes da pesquisa são funcionários da Prefeitura Municipal de Rosário/MA e atuam na área da educação. São professores, auxiliares de serviços gerais e auxiliares administrativos. A opção por esses indivíduos se deu devido à intenção de saber como pessoas ligadas à área educacional estão compartilhando informações no WhatsApp.

O tipo de entrevista utilizada no questionário é a fechada, pois “é realizada a partir de questionários estruturados, com perguntas iguais para todos os entrevistados, de modo que seja possível estabelecer uniformidade e comparação

entre as respostas” (DUARTE, 2009, p. 67). Nesse sentido, o questionário aplicado aos cinquenta e dois funcionários da área da educação de Rede Municipal de Ensino de Rosário-Maranhão obedeceu aos critérios descritos por Duarte (2009).

O método utilizado na pesquisa é o quali-quantitativo, já que o objetivo é saber, a partir da amostra (embora reduzida e sem fins estatísticos), como pensam e agem pessoas que atuam na área da educação do município de Rosário/MA. Assim, quando se trata da abordagem quantitativa é importante compreender o seguinte: “O levantamento é utilizado quando se quer saber de que maneira determinados comportamentos aparecem em um determinado conjunto de pessoas para o qual se vai generalizar essa descoberta” (CALAIS, 2007. p. 82). Dessa forma, pretende-se ter uma noção, a partir das respostas do questionário, de como pensam pessoas ligadas à área da educação de Rosário/MA.

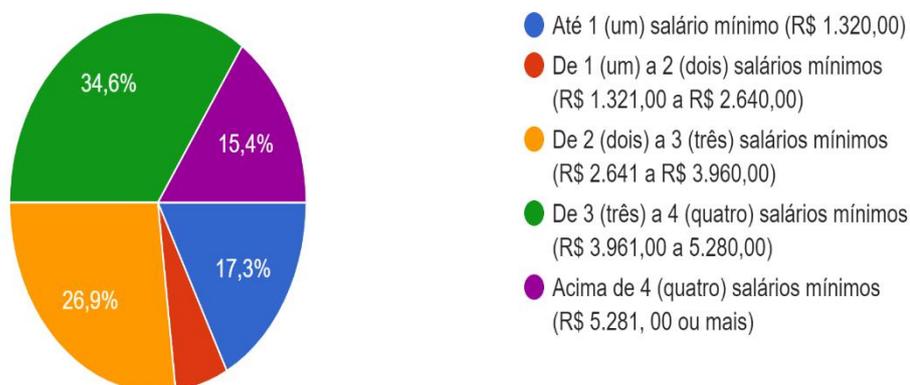
3.1 GRÁFICOS E NÚMEROS

A seguir, apresentamos os Gráficos que sistematizam quantitativamente as repostas dos voluntários da pesquisa, iniciando pela renda, conforme evidencia o Gráfico 01.

Gráfico 01: renda média das pessoas que responderam ao questionário

Qual a sua renda?

52 respostas



Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

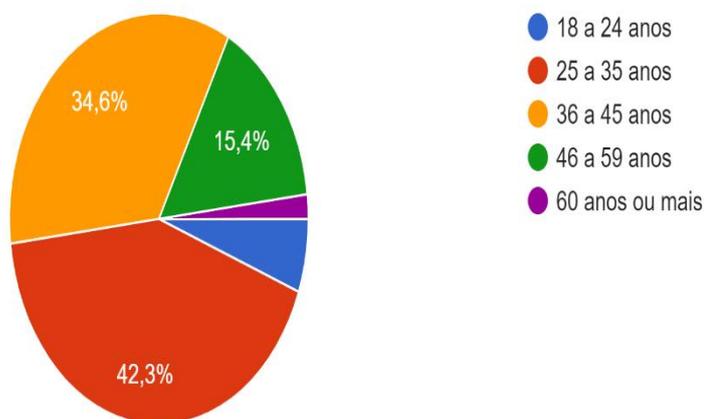
A questão sobre renda mensal corresponde à primeira pergunta do questionário. Dos cinquenta e dois entrevistados: 18 (34,6%) declararam que recebem entre três e quatro salários mínimos; 14 (26,9%) disseram que recebem de dois a três salários mínimos; 9 (17,3%) responderam que ganham até um salário mínimo; 8 (15,4%) declararam que ganham acima de quatro salários mínimos; e 3 (5,8%) disseram que recebem de um a dois salários mínimos. Assim, percebe-se que o maior percentual de entrevistados é de pessoas que ganham de três a quatro salários mínimos por mês; já o menor, de pessoas que recebem até um salário mínimo mensalmente.

O segundo Gráfico, que sistematiza quantitativamente as repostas dos voluntários da pesquisa, é sobre idade.

Gráfico 02: faixa etária das pessoas que responderam ao questionário

Qual sua idade?

52 respostas



Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

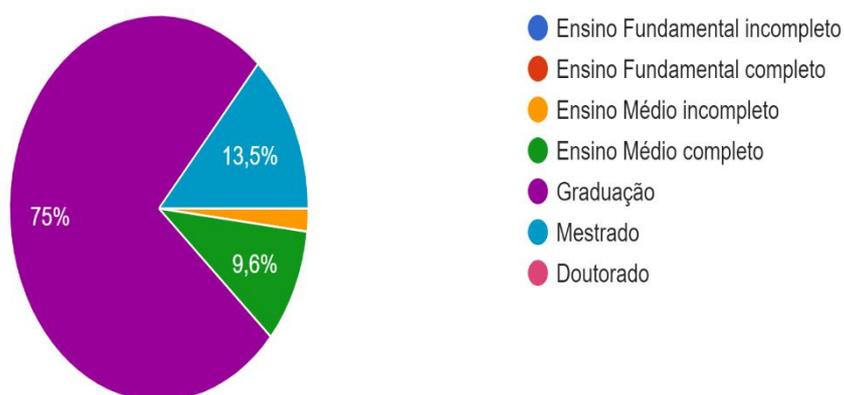
As respostas foram as seguintes: 22 (42,3%) disseram ter de 25 a 35 anos; 18 (34,6%) declararam idade de 36 a 45 anos; 8 (15,4%) disseram ter de 46 a 59 anos; 3 (5,8%) declararam ter de 18 a 24 anos; e 1 (1,9%) declarou ter sessenta anos ou mais. Observa-se que quase a metade dos participantes da pesquisa têm de 25 a 35 anos, já o menor percentual é de pessoas com 60 anos ou mais.

O terceiro Gráfico, que sistematiza quantitativamente as respostas dos voluntários da pesquisa, é sobre nível de instrução.

Gráfico 03: nível de instrução das pessoas que responderam ao questionário

Qual o seu nível de instrução?

52 respostas



Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

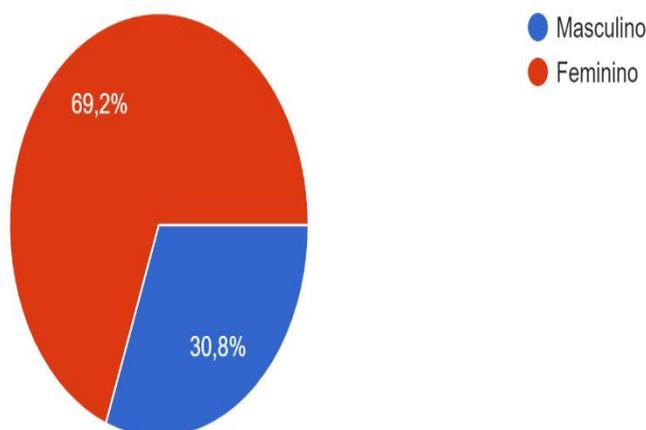
A terceira pergunta é sobre o nível de instrução dos entrevistados. 39 (75%) disseram que possuem graduação; 7 (13,5%) declararam ter mestrado; 5 (9,6%) disseram possuir Ensino Médio completo; e apenas 1 (1,9) declarou ter Ensino Médio incompleto. Assim sendo, mais de dois terços dos participantes da pesquisa disseram que possuem graduação; e menos de dois por cento declarou que possui Ensino Médio incompleto.

O quarto Gráfico, que sistematiza quantitativamente as respostas dos voluntários da pesquisa, diz respeito ao sexo dos entrevistados.

Gráfico 04: sexo das pessoas que responderam ao questionário

Qual o seu sexo?

52 respostas



Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

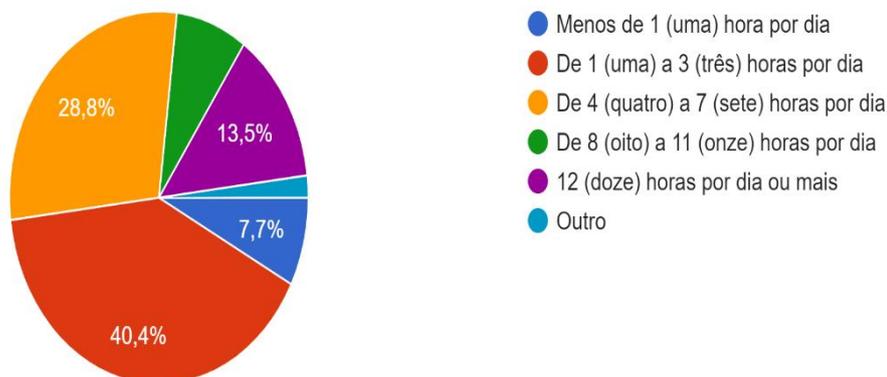
A quarta pergunta é sobre o sexo de cada entrevistado. Apesar de ter a opção “outros” para as pessoas que não se identificam nem com o sexo masculino nem com o sexo feminino, todos os cinquenta e dois indivíduos se declararam feminino ou masculino. Nesse sentido, 36 (69,2%) disseram ser do sexo feminino; e as outras 16 (30,8%) pessoas se declararam do sexo masculino. Nota-se que a maioria dos entrevistados é mulher.

O quinto Gráfico, que sistematiza quantitativamente as respostas dos voluntários da pesquisa, é sobre a frequência de utilização do WhatsApp.

Gráfico 05: frequência de utilização do WhatsApp pelas pessoas que responderam ao questionário

Com que frequência você utiliza o WhatsApp?

52 respostas



Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

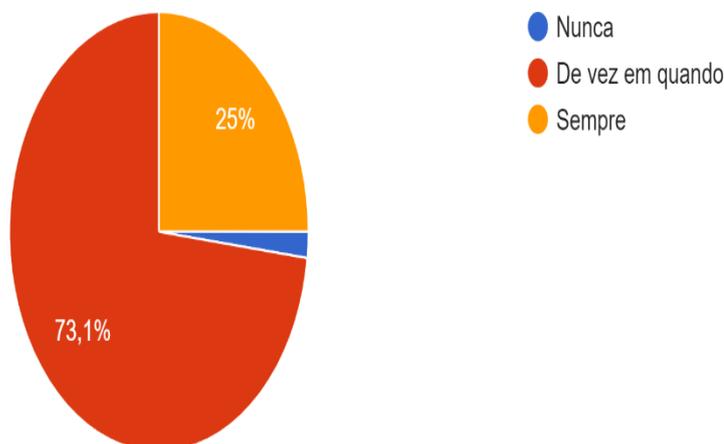
A quinta pergunta, sobre a frequência com que os entrevistados utilizam o Whatsapp, tem os seguintes resultados: 21 (40,4%) disseram que utilizam de uma a três horas por dia; 15 (28,8%) declararam que utilizam de sete a quatro horas por dia; 7 (13,5%) disseram que utilizam por doze horas ou mais diariamente; 4 (7,7%) declararam que utilizam por menos de uma hora por dia; outros 4 (7,7%) disseram que utilizam de oito a onze horas diariamente; e 1 (1,9%) marcou a opção “outro”, colocando na justificativa também a palavra “outro”.

O sexto Gráfico, que sistematiza quantitativamente as respostas dos voluntários da pesquisa, é sobre a frequência de compartilhamentos de informações no WhatsApp.

Gráfico 06: frequência de compartilhamentos de informações no WhatsApp pelas pessoas que responderam ao questionário

Com que frequência você costuma compartilhar informações via WhatsApp?

52 respostas



Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

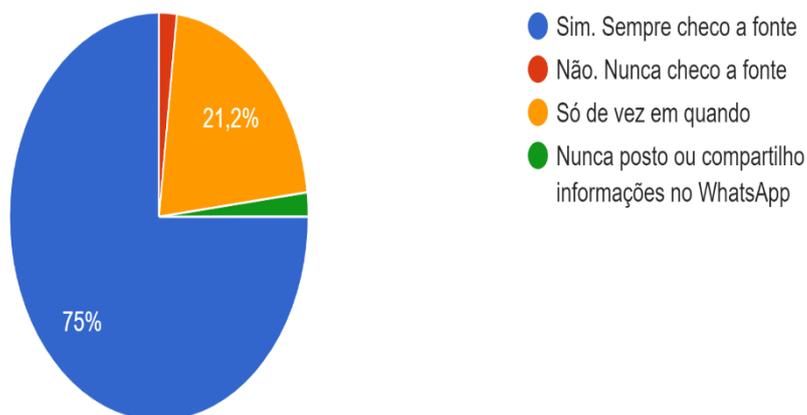
A sexta pergunta, sobre a frequência com que os entrevistados costumam compartilhar informações via WhatsApp, possui os seguintes resultados: 38 (73,1%) declararam que só de vez em quando compartilham informações nesse aplicativo de mensagens; 13 (25%) disseram que sempre compartilham; e apenas 1 (1,9%) declarou que nunca compartilha informações no WhatsApp.

O sétimo Gráfico, que sistematiza quantitativamente as respostas dos voluntários da pesquisa, diz respeito à checagem de uma informação antes de ser postada ou compartilhada no WhatsApp.

Gráfico 07: checagem de uma informação, pelas pessoas que responderam ao questionário, para saber se é verdadeira ou falsa

Antes de postar ou compartilhar uma informação no WhatsApp você checa a fonte para saber se é confiável ou não?

52 respostas



Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

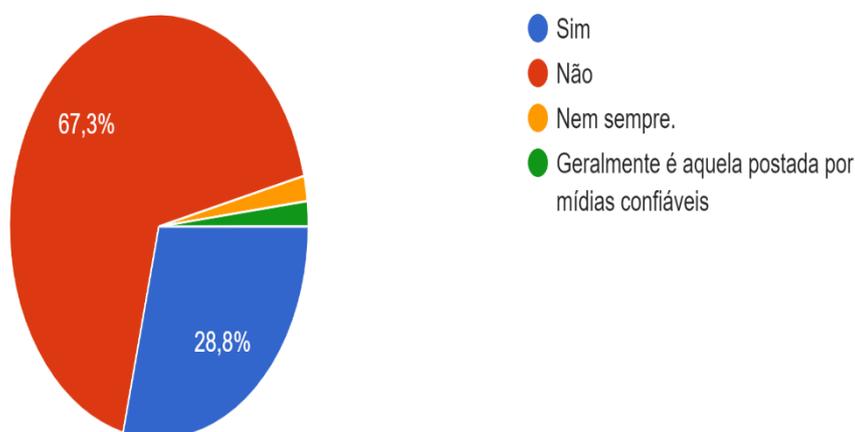
A sétima pergunta, sobre a checagem das fontes das informações antes do compartilhamento no WhatsApp, apresenta os seguintes resultados: 39 (75%) dos entrevistados disseram que sempre checam a fonte antes do compartilhamento de uma informação; 11 (21,2%) declararam que só checam de vez em quando; 1 (1,9%) entrevistado disse que nunca checa a fonte da informação antes do compartilhamento; e também, 1 (1,9%) entrevistado declarou que nunca posta ou compartilha informações via WhatsApp.

O oitavo Gráfico, que sistematiza quantitativamente as respostas dos voluntários da pesquisa, é sobre confiança na postagem ou compartilhamento de informações no WhatsApp por alguém que possui ideias parecidas com as do receptor.

Gráfico 08: confiança na postagem ou compartilhamento de informações no WhatsApp, de acordo com as pessoas que responderam ao questionário

Uma informação confiável no WhatsApp é aquela postada ou compartilhada por pessoas que possuem ideias parecidas com as que você defende?

52 respostas



Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

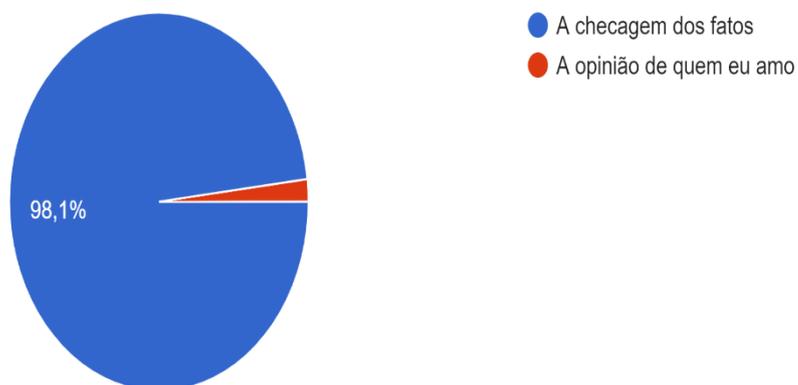
A oitava pergunta, sobre postagem ou compartilhamento no WhatsApp de informações por pessoas que têm ideias parecidas com as dos entrevistados, apresenta os seguintes resultados: 35 (67,3%) responderam que não consideram uma informação confiável apenas pelo fato do emissor ter ideias parecidas com as que eles defendem; 15 (28,8%) declararam que uma informação confiável no WhatsApp é aquela postada ou compartilhada por pessoas que defendem ideias parecidas com as deles; 1 (1,9%) marcou a opção “outros”, dizendo “nem sempre”, ou seja, depende da informação ou das circunstâncias; e outra pessoa (1,9%) também marcou a opção “outros”, justificando que uma informação confiável “geralmente é aquela postada por mídias confiáveis”.

O nono Gráfico, que sistematiza quantitativamente as respostas dos voluntários da pesquisa, é sobre a checagem dos fatos por um profissional sério e imparcial e a opinião, sem base fatural, de uma pessoa que o entrevistado ama muito.

Gráfico 09: checagem dos fatos por um profissional sério ou opinião de quem se ama muito, de acordo com as pessoas que responderam ao questionário

O que é mais importante: a checagem dos fatos por um jornalista sério e comprometido com a verdade objetiva ou a opinião, sem base fatural, de uma pessoa que você ama e admira muito?

52 respostas



Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

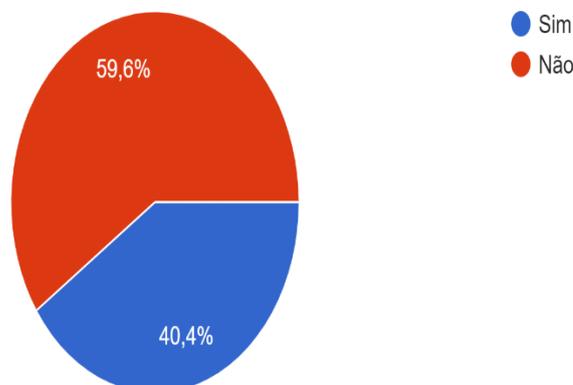
A nona pergunta, sobre o que mais o entrevistado leva em consideração na hora de confiar em uma informação: a checagem imparcial de um jornalista sério ou a opinião de uma pessoa amada, apresenta os seguintes resultados: 51 (98,1%) dos entrevistados responderam que o mais importante é a checagem dos fatos de maneira imparcial por um jornalista sério e comprometido com a verdade fatural; apenas 1 (1,9%) declarou que o mais importante é a opinião, sem base fatural, de quem ele ama e admira muito.

O décimo Gráfico, que sistematiza quantitativamente as respostas dos voluntários da pesquisa, é sobre informação que só depois de compartilhada o utilizador do WhatsApp descobriu ser falsa.

Gráfico 10: compartilhamento ou não de informação, no Whatsapp, sem a devida checagem das pessoas que responderam ao questionário

Você já compartilhou, no WhatsApp, alguma informação que depois descobriu ser falsa?

52 respostas



Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

A décima questão, sobre compartilhamento ou não no WhatsApp de informações sem a devida checagem, apresenta os seguintes resultados: 31 (59,6%) entrevistados declararam que nunca compartilharam uma informação e depois descobriram que ela era falsa; já 21 (40,4%) disseram que já compartilharam uma informação e só depois descobriram a sua não veracidade.

Este capítulo é sobre o percurso metodológico da pesquisa para o levantamento de dados. Nele é explicado como o questionário foi aplicado e os dados coletados; e, também, contém a apresentação dos resultados através de gráficos e números. Já no próximo capítulo será feita uma análise de discurso, à luz de alguns pensadores, a partir de resultados do questionário.

4. ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO

A análise dos resultados do questionário à luz de alguns pensadores que fazem Análise de Discurso é importante para que se tenha, pelo menos, noção da maneira como algumas pessoas agem e pensam ao utilizar o aplicativo de mensagens WhatsApp. Nesse sentido, a partir do discurso analisado, é feita uma reflexão sobre as atitudes discursivas desses indivíduos humanos ao postar ou compartilhar uma informação (falsa ou verdadeira).

A primeira questão analisada é a seguinte: Antes de postar ou compartilhar uma informação no WhatsApp você checa a fonte para saber se é confiável ou não? Das 52 pessoas entrevistadas, 39 (75%) dizem que sempre checam as informações antes de passá-las adiante. Esse percentual, 75%, indica que uma parcela considerável dos trabalhadores da área da educação do município de Rosário/MA se preocupa, ou publicamente diz se preocupar, com aquilo que posta ou compartilha no WhatsApp. Essa informação é animadora para aqueles que apostam na educação como um caminho viável para a superação da pós-verdade e a primazia da verdade. Nesse sentido, “a tendência de alguns professores de tratarem a internet como fonte de segunda categoria não percebe o sentido exato da questão. Para a geração agora na escola, e aquelas que vão chegar, é a única fonte significativa” (D’ANCONA, 2018, p. 101). Compreende-se que é um grande erro tratar a internet como algo secundário, o professor deve orientar o aluno a utilizá-la da melhor maneira possível. Isso significa que o discente deve ser orientado a pesquisar sobre assuntos de fontes seguras e confiáveis, e que também só deve postar ou compartilhar informações depois de checá-las adequadamente. Antes de compartilhar uma informação, o sujeito deve analisá-la profundamente para saber se é verdadeira, boa e útil.

No questionário, 11 pessoas, que correspondem a 21,2% do total dos entrevistados, dizem que só de vez em quando checam se a informação postada ou compartilhada no WhatsApp é confiável ou não. Esse percentual, apesar de pequeno em relação aos 75% que declaram sempre checar uma informação antes de passá-la adiante, é, de certa forma, preocupante. Essa preocupação existe, principalmente, pela razão de os entrevistados pertencerem à área da educação. Mesmo aqueles que não são professores precisam entender que uma informação confiável é essencial para a educação de uma criança. Nesse sentido, “um fato é uma observação que foi repetidamente confirmada, e para todos os propósitos práticos é aceita como

‘verdadeira’” (CARNIELLI; EPSTEIN, 2019 p. 337). Dessa forma, a checagem criteriosa é necessária e indispensável em qualquer situação e para todas as postagens e compartilhamentos no WhatsApp ou em qualquer *rede social*.

Dos 52 entrevistados, 1 (1,9%) responde que nunca posta ou compartilha informações no WhatsApp. A pessoa que emitiu essa resposta declarou que ganha de três a quatro salários mínimos, tem idade de 36 a 45 anos, é graduada e do sexo masculino. E apesar de dizer que uma informação confiável no WhatsApp é aquela postada ou compartilhada por pessoas que possuem ideias parecidas com as que defende, afirma que a checagem dos fatos de maneira imparcial por um jornalista sério e comprometido com a verdade objetiva é mais importante do que a opinião, sem base fatural, de uma pessoa que ela ama e admira muito.

Uma pessoa, que corresponde a 1,9% do total dos entrevistados, diz que nunca checa a fonte antes de postar ou compartilhar uma informação no WhatsApp. A declaração desse indivíduo, que diz ganhar de dois a três salários mínimos, ter de 25 a 35 anos, possuir mestrado, ser do sexo feminino, utilizar o WhatsApp de quatro a sete horas por dia e compartilhar informações no WhatsApp só de vez em quando, chama a atenção da pesquisa. A não checagem de uma informação antes de passá-la adiante pode significar a destruição de uma reputação ou o linchamento de um inocente. Um(a) professor(a) ou qualquer outro profissional da área da educação precisa necessariamente ter consciência do mundo em que vive e da responsabilidade social que carrega em si. “Ensinar a navegar na web com discernimento é a missão cultural mais urgente de nossa época” (D’ANCONA, 2018, p. 101). Assim, aquele que não consegue ter discernimento dos próprios atos, jamais conseguirá educar os outros. Desse modo, um profissional da educação, principalmente um professor, precisa, antes de tudo, educar a si mesmo, para ter condições de ensinar algo positivo a outras pessoas.

A segunda pergunta analisada é a seguinte: Uma informação confiável no WhatsApp é aquela postada ou compartilhada por pessoas que possuem ideias parecidas com as que que você defende? Das cinquenta e duas pessoas que participam da pesquisa, trinta e cinco (67,3%), declaram que não. Isso significa que cerca de dois terços dos entrevistados se preocupam em analisar e checar as informações antes de postá-las no WhatsApp. Entende-se que essas pessoas, pelo menos a partir das respostas que sustentam diante da visibilidade, não são dominadas pela emoção, mas guiadas pela razão majoritariamente. Para quem trabalha com

educação essa atitude é muito importante e indispensável, isso porque “do ponto de vista da criança, a verdade não é primeira. No começo há apenas saber e diferente maneira de saber. A verdade depende da descoberta de que há saberes falsos, porque enganadores, e de que, conseqüentemente, o outro pode mentir” (DUNKER, 2017, p. 17). Desse modo, desde cedo a criança deve ser educada com base em fatos e argumentos verdadeiros. Assim sendo, quando alguém, desde tenra idade, é ensinado com base em coisas que não condizem com a realidade e a verdade dos fatos, tende a reproduzir as coisas negativas que aprendeu.

Dos cinquenta e dois entrevistados, quinze (28,8%) respondem que uma informação confiável no WhatsApp é aquela postada ou compartilhada por pessoas que possuem ideias parecidas com as que eles defendem. Esse dado é importante para se ter uma noção de como algumas pessoas pensam e agem ao postar ou compartilhar informações no WhatsApp. Uma constatação desse tipo é preocupante em qualquer situação, e mais ainda quando se trata de profissionais ligados à área da educação. Dessa maneira, é interessante observar o que Dunker (2019, p. 34) já previra: “alguns consideram que o discurso da pós-verdade corresponde a uma suspensão completa da referência a fatos e verificações objetivas, substituídas por opiniões tornadas verossímeis apenas à base de repetições”, sem confirmação das fontes testemunhais, documentais ou correspondência com a realidade. Nesse sentido, o que prevalece são as crenças e as opiniões desses utilizadores do WhatsApp. Essas quinze pessoas são, em potência, propagadoras de desinformação. Quando o critério de confiabilidade mais importante de uma informação é a simples opinião que a pessoa defende, então a pós-verdade tende a prosperar.

É necessário ressaltar o seguinte: das quinze pessoas que respondem ser uma informação confiável no WhatsApp aquela postada ou compartilhada por pessoas que possuem ideias parecidas com as que elas defendem dez dizem ter graduação, quatro declaram possuir ensino médio completo e uma afirma ter mestrado. Também é importante salientar que seis desses indivíduos dizem ganhar de três a quatro salários mínimos por mês, outros seis declaram receber até um salário mínimo mensal, dois dizem ganhar de dois a três salários mínimos mensalmente e um declara ganhar de um a dois salários mínimos por mês. Em relação à idade: sete dizem ter de 36 a 45 anos, três declara de 46 a 59 anos, dois afirma ter de 18 a 24 anos, outros dois declara de 25 a 35 anos e um diz ter 60 anos ou mais. Também, doze são do sexo feminino e três do masculino. Esses dados revelam que indivíduos de todas as

faixas etárias contidas no questionário tendem a confiar, na hora da postagem ou compartilhamento de informações no WhatsApp, em pessoas que defendem ideias parecidas com as deles. Também é revelado que a renda dessas pessoas não é igual, dentre as quinze há quatro faixas de rendas diferentes. Outro dado interessante se refere ao nível de instrução, sendo que dois terços possuem graduação e existem pessoas com ensino médio completo e mestrado. Em relação ao sexo é interessante ressaltar que das 52 pessoas que respondem ao questionário, 36 se declaram do sexo feminino e 16 do masculino; assim 33,33% das mulheres dizem que uma informação confiável no WhatsApp é postada ou compartilhada por pessoas que possuem ideias parecidas com as delas, e apenas 18,75% dos homens pensam dessa forma. Nesse sentido, em se tratando de frequência simples absoluta¹, a possibilidade de uma mulher da área da educação de Rosário/MA compartilhar informações falsas no WhatsApp é maior do que a de um homem também pertencente à rede de ensino desse município.

Uma pessoa, que corresponde a 1,9% dos entrevistados, diz que nem sempre uma informação confiável, no WhatsApp, é aquela postada ou compartilhada por indivíduos que defendem ideias parecidas com as dele. A partir da resposta dessa pessoa que é do sexo feminino, possui graduação, tem de 46 a 59 anos e recebe de um a dois salários mínimos por mês, compreende-se que, para ela, as preferências ideológicas nem sempre são critérios determinantes para se confiar na autenticidade de uma informação postada ou compartilhada no WhatsApp.

Uma outra pessoa, que também corresponde a 1,9% dos entrevistados, declara que geralmente uma informação confiável é aquela postada por mídias confiáveis. O indivíduo que deu essa resposta é do sexo masculino, possui graduação, tem de 36 a 45 anos, ganha mais de quatro salários mínimos por mês, utiliza o WhatsApp de quatro a sete horas por dia e sempre compartilha informações no WhatsApp. A partir desses dados, pressupõe-se que essa pessoa checa devidamente as fontes das informações antes passá-las adiante. Para alguém que trabalha na área da educação, essa atitude é muito positiva, pois os bons exemplos são fundamentais na educação dos seres humanos.

A terceira questão analisada é a seguinte: O que é mais importante: a checagem dos fatos por um jornalista sério e comprometido com a verdade objetiva

¹ A quantidade de vezes que um mesmo valor se repete. Em outras palavras, o número de vezes que uma mesma resposta aparece em um conjunto de dados.

ou a opinião, sem base fatural, de uma pessoa que você ama e admira muito? Das cinquenta e duas pessoas que respondem ao questionário, cinquenta e uma (98,1%) declaram que o mais importante é a checagem dos fatos de maneira imparcial por um jornalista sério e comprometido com a verdade objetiva. Esse percentual é positivo e animador, pois mostra que quase 100% dos entrevistados priorizam a checagem dos fatos por um profissional comprometido com a verdade fatural. Nesse sentido, se todos que utilizassem os aplicativos de mensagens e as *redes sociais* agissem dessa maneira, a desinformação se tornaria algo insignificante e o contexto de pós-verdade deixaria de ser preponderante.

Também é importante ressaltar que as grandes plataformas, que tornam a circulação da desinformação possível e lucrativa, precisam ser reguladas e responsabilizadas. Um dos pontos debatidos pela Sala de Articulação contra a Desinformação (SAD), que reúne organizações da sociedade civil e entidades acadêmicas, é o seguinte: “Há preocupação com a prevenção do impulsionamento de publicações e contratação de anúncios cujos conteúdos violem direitos humanos e sejam potencialmente ilícitos, de acordo com leis nacionais” (REGULAÇÃO DAS PLATAFORMAS DIGITAIS NO BRASIL, 2023, p. 7). Esse ponto é um alerta contra impulsionamento de *posts*, anúncios pagos e mídia programática. Nesse sentido, a regulação é necessária para que haja controle nas postagens ou compartilhamentos de conteúdos danosos contra pessoas ou grupo de pessoas. Assim, quando houver violação das regras estabelecidas, as plataformas digitais precisam ser punidas para que os direitos dos cidadãos não sejam violados.

De acordo com os signatários da SAD (2023), a construção de um ambiente digital democrático, seguro e saudável depende da regulação e responsabilização das plataformas digitais. Desse modo, enquanto isso não acontecer, haverá impulsionamento de *posts* e anúncios pagos propagados de maneira indiscriminada.

Apenas uma pessoa, que corresponde a 1,9% do total dos cinquenta e dois entrevistados, responde que a opinião, sem base fatural, de quem ela ama é mais importante do que a checagem dos fatos de maneira imparcial por um jornalista sério e comprometido com a verdade objetiva. Essa resposta é muito preocupante à medida que esse indivíduo, que diz ter graduação, declara ser do sexo feminino, afirma receber de dois a três salários mínimos por mês, diz ter de 36 a 45 anos, declara utilizar o WhatsApp por menos de uma hora por dia, diz compartilhar informações no WhatsApp só de vez em quando, afirma sempre checar a fonte antes de postar ou

compartilhar uma informação, diz ser uma informação confiável aquela postada ou compartilhada por pessoas que possuem ideias parecidas com as dela e afirma que nunca postou uma informação que depois descobriu ser falsa, pertence à área da educação e necessariamente precisa ensinar a seus alunos que, como esclarece Carnielli e Epstein (2019), opinião não é argumento, ou seja, é preciso priorizar a verdade dos fatos e passar adiante apenas as informações que condigam com as evidências e provas concretas.

Algo que chama atenção em duas respostas é a coerência desse indivíduo, primeiro declara que uma informação confiável, no WhatsApp, é aquela postada ou compartilhada por pessoas que defendem ideias parecidas com as dele; e em seguida afirma que a opinião de quem ele ama é mais importante do que a análise de um profissional sério e competente. Além da coerência do voluntário respondente, entende-se que essas respostas mostram que no atual contexto de pós-verdade, potencializado pela centralidade da internet na construção das relações humanas, muitas vezes a subjetividade prevalece sobre a objetividade. “Isso tudo não revela outra coisa senão a crise de valores provocada, entre outros fatores, pela sobredeterminação que a emoção exerce na racionalidade humana” (SANTAELLA, 2019. p. 52-53). Nesse sentido, a valorização de crenças e opiniões em detrimento da razão pode provocar um surto de disseminação de desinformação e o fortalecimento do contexto de pós-verdade. Por isso, “a promoção da literacia digital e midiática é uma forma não apenas de enfrentar problemas existentes no ambiente digital atual, mas também de abrir perspectivas de melhoria em cenários futuros” (REGULAÇÃO DAS PLATAFORMAS DIGITAIS NO BRASIL, 2023, p. 5), inclusive no âmbito escolar.

É interessante destacar as respostas de uma pessoa que respondeu ser a checagem dos fatos de maneira imparcial por um jornalista sério e comprometido com a verdade objetiva mais importante do que a opinião, sem base fatural, de uma pessoa que ela ama e admira muito; e que uma informação confiável, no WhatsApp, é aquela postada ou compartilhada por pessoas que possuem ideias parecidas com as dela.

No questionário, as outras respostas desse indivíduo são as seguintes: renda de 2 a 3 salários mínimos, idade de 36 a 45 anos, nível de instrução mestrado, sexo feminino, utiliza o WhatsApp de 4 a 7 horas por dia, compartilha informações no WhatsApp de vez em quando, antes de postar uma informação no WhatsApp checa a fonte para saber se é confiável ou não e nunca compartilhou uma informação no WhatsApp que descobriu ser falsa. Parece contraditório alguém dizer que uma

informação confiável é aquela proferida por alguém que possui ideias parecidas com as dela e também afirmar que a checagem dos fatos de maneira imparcial por um profissional sério e competente é mais importante do que a opinião, sem base fatural, de quem ela ama. Isso mostra incoerência, pois coerente² seria dizer que uma informação confiável não depende do emissor possuir ideias parecidas com as do receptor e afirmar que a checagem dos fatos por um jornalista sério e comprometido com a verdade objetiva é mais importante do que a opinião, sem base fatural, de quem se ama; ou seria afirmar que uma informação só é confiável quando o emissor possui ideias parecidas com as do receptor e a opinião, sem base fatural, de quem se ama é mais importante do que a análise séria e competente de um jornalista imparcial³ comprometido com a verdade dos fatos.

A quarta e última pergunta analisada é a seguinte: Você já compartilhou, no WhatsApp, alguma informação que depois descobriu ser falsa? Das 52 (100%) pessoas que respondem ao questionário, 31 (59,6%) declaram que nunca compartilharam uma informação que depois descobriram ser falsa. Isso leva ao entendimento de que a maioria dos entrevistados toma cuidado antes de passar uma informação adiante. Esse dado é relevante, principalmente, pelo fato de se tratar de professores e outros profissionais da área da educação. Uma informação falsa jamais deve ser postada ou compartilhada onde quer que seja. Em qualquer aplicativo de mensagens, nas redes sociais digitais, nas rodas de conversas ou qualquer outro ambiente é fundamental que não se propague informações falsas. A valorização e prevalência da verdade é primordial para que os seres humanos convivam adequadamente, garantindo o bem-estar social. “A verdade no presente (*alethéia*) nos convida a uma linguagem ou pensamento que nos unem em torno de uma experiência comum” (DUNKER, 2017, p. 22). Nesse sentido, a verdade é o elo que une pessoas que buscam o bem comum e convivem harmoniosamente em prol da coletividade. Assim sendo, a mentira destrói e/ou enfraquece os laços sociais construídos ao longo do tempo.

As outras vinte e uma pessoas, que correspondem a 40,4% do total dos entrevistados, dizem que já compartilharam, no WhatsApp, informação que depois

² A coerência no discurso ocorre quando ideias sobre um determinado assunto não se contradizem, ou seja, seguem um raciocínio lógico válido.

³ Imparcialidade é diferente de neutralidade. Ser imparcial é ser objetivo e analisar racionalmente as questões cotidianas; já a neutralidade é (ou seria) a não interferência de juízos valorativos nas decisões dos sujeitos.

descobriram ser falsa. Esse dado é preocupante devido ao perigo que a desinformação representa à sociedade brasileira no atual contexto de pós-verdade. “Emitir informação tornou-se um hábito e até mesmo uma compulsão desde a invenção da internet e, mais ainda, das redes sociais, que se tornaram o lugar de que podemos chamar de verdade digital” (TIBURI, 2017, p. 104). Entende-se que a compulsão por postar ou compartilhar informações nos aplicativos de mensagens e nas redes sociais digitais faz com que muitas pessoas não chequem a veracidade do conteúdo antes de passá-lo adiante.

Uma dessas pessoas que declara já ter compartilhado, no WhatsApp, informação que depois descobriu ser falsa, nas outras perguntas, responde o seguinte: renda acima de 4 salários mínimos; idade de 36 a 45 anos; nível de instrução graduação; sexo masculino; utiliza o WhatsApp por menos de uma hora por dia; compartilha informações no WhatsApp de vez em quando; sempre checa a informação antes de postá-la ou compartilhá-la no WhatsApp; uma informação confiável, no WhatsApp, não é aquela postada ou compartilhada por pessoas que possuem ideias parecidas com as dela; e a checagem dos fatos por um jornalista imparcial comprometido com a verdade objetiva é mais importante do que a opinião, sem base fatural, de quem ela ama.

A partir das respostas, compreende-se que provavelmente esse indivíduo aprendeu como o erro de compartilhar informação sem a devida checagem. É importante observar que esse profissional da educação prioriza o objetivo em detrimento do subjetivo quando diz que sempre checa a fonte antes de postar ou compartilhar a informação; quando afirma que uma informação confiável no WhatsApp não é aquela postada ou compartilhada por pessoas que possuem ideias parecidas com as dele; e quando declara que a checagem dos fatos de maneira imparcial por um jornalista sério e comprometido com a verdade objetiva é mais importante do que a opinião, sem base fatural, de quem ele ama. Nesse sentido, o erro faz parte da vida humana, porém o mais importante é educar a si mesmo para que se possa educar os outros. Assim, só quem reconhece as próprias limitações e defeitos é capaz de aprender e ensinar algo a outras pessoas.

Ao analisar o questionário, tenta-se compreender como algumas pessoas, da área da educação do Município de Rosário/MA, pensam e agem no atual contexto de pós-verdade. O resultado é animador, pois maioria dos entrevistados responde que checa as informações antes de postá-las ou compartilhá-las no WhatsApp, assim

contribuindo para a não propagação de desinformação na internet. Ainda assim, não se pode desconsiderar que “a pós-verdade alimenta a alienação, o desarranjo e o silêncio entorpecedor. Dessa forma, a maior missão cívica que temos pela frente é esvaziar a calha” (D’ANCONA, 2018, p. 98). Nesse sentido, os profissionais da educação, participantes da pesquisa, que respondem de maneira positiva são agentes que podem contribuir para o enfraquecimento da mentira e o fortalecimento da noção de verdade. Educa-se principalmente pelo exemplo, assim quanto mais pessoas priorizarem o que é honesto e verdadeira, maiores as chances do desaparecimento ou secundarização da pós-verdade.

Esta pesquisa é uma análise e uma reflexão sobre a importância da verdade factual para o convívio humano. Assim, quando a mentira prospera e o contexto de pós-verdade se torna dominante, as relações interpessoais tendem à deterioração. Nesse sentido, é necessário que o indivíduo humano seja sempre racional, criterioso e objetivo, para que escolha sempre aquilo que esteja de acordo com os fatos. Na objetividade factual “a discussão apresenta-se paralela a uma teoria do conhecimento, mas aplicada especificamente ao debate em relação à construção/reprodução do fato” (MARTINO; MARQUES, 2018, p.148). Desse modo, a objetividade factual é fundamental para a não proliferação de informações falsas nas plataformas digitais. Assim sendo, uma informação só deve ser postada ou compartilhada no WhatsApp após uma rigorosa apuração dos fatos.

Outra questão importante na discussão sobre a desinformação é a responsabilização das plataformas digitais. “As plataformas digitais devem ser consideradas co-responsáveis por qualquer conteúdo que seja impulsionado por meio de transações financeiras com a plataforma” (REGULAÇÃO DAS PLATAFORMAS DIGITAIS NO BRASIL, 2023, p. 2). Dessa maneira, às vezes a desinformação serve como fonte de renda para os proprietários das plataformas digitais, já que eles recebem remuneração pecuniária para o impulsionamento de *posts*. A regulação é importante para que essas plataformas informem ao utilizador esse tipo de prática.

A regulação também é importante para coibir a prática de crimes contra pessoas ou grupo de pessoas. Nesse sentido, tanto os indivíduos que postam ou compartilham informações falsas como as plataformas que permitem que isso aconteça devem ser penalizados. Assim, quando alguém postar alguma ofensa racista no WhatsApp, os administradores desse aplicativo de mensagens devem informar as autoridades competentes sobre o assunto.

Ao analisar os resultados do questionário numerosas vezes, percebe-se que praticamente todos os entrevistados (cinquenta e dois funcionários da área da educação de Rosário/MA) utilizam o WhatsApp todos os dias, uns menos e outros mais. Apenas um respondeu que não utiliza esse aplicativo de mensagens diariamente. Também em relação ao WhatsApp, a maioria declarou que só de vez em quando compartilha informações; que antes de postar ou compartilhar uma informação checa a fonte; que a confiabilidade de uma informação independe das ideias que o emissor defende; que a checagem dos fatos por um jornalista sério e imparcial é mais importante do que a opinião, sem base factual, de quem se ama; e que nunca compartilhou uma informação falsa pensando que era verdadeira. Esses resultados evidenciam uma tendência a não propagação de informações falsas pela maioria dos indivíduos que respondeu ao questionário.

A análise dos dados leva em consideração o contexto no qual os participantes da pesquisa estão inseridos. Isso é necessário porque “a análise de discurso é uma interpretação, fundamentada em uma argumentação detalhada e uma atenção cuidadosa ao material que está sendo estudado” (GILL, 2002. p. 266). Nesse sentido, compreende que o fato de os entrevistados pertencerem à área da educação contribuiu para que a maioria rejeitasse a desinformação.

A bibliografia desta pesquisa aponta para um contexto de pós-verdade e ampla circulação de informações falsas. Para esses autores, vive-se em um contexto de pós-verdade. Isso é caracterizado, principalmente, pela secundarização da verdade, exaltação da mentira, preponderância de crenças e opiniões, descrédito da epistemologia e prevalência do discurso de ódio. Na atualidade, muitas pessoas não se importam com a verdade dos fatos, elas acreditam ou preferem acreditar nas coisas que estão de acordo com suas convicções pessoais. O mais importante, para esses indivíduos, é a causa defendida.

Na contramão do que diz a bibliografia (sobre pós-verdade e desinformação) desta pesquisa, os dados coletados a partir de respostas de pessoas reais apontam para uma checagem da informação e para uma importância à verdade factual e objetiva. Ou estas pessoas estão mentindo, ou elas não sabem que compartilham desinformação, ou o contexto profissional (a educação e ambiente escolar) fortalece os laços em torno da noção de verdade. Pode ser, inclusive, que essas três hipóteses coexistam.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As razões que levam à elaboração deste trabalho giram em torno da inquietação de debater como o contexto de pós-verdade fortalece (e é fortalecido pela) a propagação de informações falsas e as torna fenômeno comum no convívio entre pessoas. Para o desenvolvimento de tal tarefa, é feito um recorte bibliográfico para costurar o entendimento de alguns teóricos sobre os temas: verdade, desinformação e pós-verdade. De forma complementar, é aplicado um questionário com o intuito de saber como algumas pessoas agem e pensam antes de postar ou compartilhar informações no WhatsApp. As duas técnicas de coletas de dados são fundamentais para se fazer uma análise e uma reflexão sobre o atual contexto de pós-verdade, mesmo que de maneira local.

No primeiro capítulo de desenvolvimento, no princípio, busca-se refletir sobre a noção de verdade, destacando sua importância para a construção das relações sociais. Assim, recorre-se a diversos pensadores que, ao longo da história, abordaram esse tema em suas obras. É destacado que a relativização daquilo que é verdadeiro leva ao enfraquecimento das relações interpessoais. Desse modo, o mundo dominado pela mentira e pela falsidade se transforma em um lugar inadequado para a convivência humana. A noção de verdade é indispensável não apenas para o fortalecimento dos laços intersubjetivos, mas também para a eminência do espírito humano. Nesse sentido, o ser humano caminha para a luz e se afasta das trevas ao optar por aquilo que é seguro e verdadeiro, desprezando as opiniões e aparências do mundo empírico (PLATÃO, 2004). O seguro e verdadeiro é alicerçado pela noção de verdade e diz respeito ao aprofundamento das questões relacionadas à vida, através de pesquisas e análises constantes. Dessa maneira, a checagem das informações antes de postá-las ou compartilhá-las no Whatsapp é uma forma de priorizar a verdade e contribuir para um mundo com menos desinformação.

Em seguida, tenta-se entender como a disseminação desenfreada de informações falsas leva à secundarização da verdade. De acordo com D'Ancona (2018), a mentira não é algo que só se manifestou de maneira preponderante a partir de 2016 (advento definitivo da pós-verdade), em várias épocas existiram mentirosos proeminentes, a diferença é que nos tempos atuais existe a internet, que rapidamente pode espalhar uma informação falsa pelo mundo inteiro e atingir um número gigantesco de pessoas. Nesse sentido, no atual contexto de pós-verdade é

fundamental que os indivíduos tomem consciência do tempo em que vivem, para que possam compreendê-lo e fortalecer os laços humanos. É importante ressaltar que a postagem e o compartilhamento de informações falsas no WhatsApp é uma grave ameaça à sociedade, pondo em risco a estabilidade social. A mentira e a desonestidade podem destruir reputações de pessoas sérias e honestas. Assim, uma informação só deve ser passada adiante quando for, ao mesmo tempo, verdadeira, boa e útil.

Por último, analisa-se a era da pós-verdade como um período de tensões e incertezas. No contexto de pós-verdade, as coisas mais absurdas podem ser possíveis, pois o que importa não é a verdade fatural ou científica, mas as crenças e opiniões. Assim, o mais importante não é o que realmente aconteceu, mas a causa defendida. Desse modo, mentiras tendem a se propagar como *verdades*. Nesse sentido, vive-se em uma época que a ciência passa a ser ridicularizada e desacreditada, que opiniões, sem base fatural, são proferidas e aceitas como critério de verdade para muitas questões, que preconceitos são explorados e cultivados (DUNKER, 2017). Desse modo, o atual contexto em que se vive é caracterizado, principalmente, pela secundarização da noção de verdade. Por conseguinte, no contexto de pós-verdade a mentira passa a funcionar como se fosse verdade. Assim sendo, aquilo que deveria ser rechaçado e aniquilado transforma-se em algo preponderante.

O segundo capítulo de desenvolvimento é sobre o percurso metodológico com a aplicação do questionário para posterior Análise de Discurso. Nele são apresentados, através de números e gráficos, os resultados do questionário aplicado a cinquenta e dois funcionários da área da educação do município de Rosário/MA. As perguntas são referentes à renda, ao sexo, ao nível de instrução, à idade e à postagem e compartilhamento de informações no WhatsApp. As respostas mostram que praticamente todos os entrevistados consideram a checagem das informações, de maneira séria e imparcial, fundamental para a postagem ou compartilhamento de informações no WhatsApp. No entanto, neste mesmo questionário é mostrado que 40,4% das pessoas participantes da pesquisa, em algum momento, já compartilharam informações que depois descobriram não ser verdadeiras.

No terceiro capítulo de desenvolvimento é feita uma análise do questionário à luz de alguns teóricos presentes na pesquisa bibliográfica. A partir dos resultados, constata-se que a maioria das pessoas que responde ao questionário possui

discernimento sobre as mazelas que a postagem ou compartilhamento de informações falsas pode causar na sociedade. Percebe-se que esses sujeitos tomam certo cuidado antes de passar uma informação adiante. Nesse sentido, compreende-se que as atitudes dessas pessoas são importantes e necessárias para quem trabalha na área da educação. De acordo com D'Ancona (2018), os professores devem ensinar aos alunos como lidar com a internet, assim educá-los de modo a checar as informações e só postá-las ou compartilhá-las quando tiverem certeza que são verdadeiras, boas e úteis. Por outro lado, os resultados do questionário também preocupam à medida que alguns profissionais da educação, mesmo sendo a minoria, afirmam que uma informação confiável, no WhatsApp, é aquela postada ou compartilhadas por pessoas que possuem ideias parecidas com as deles.

É importante sempre lembrar que a verdade, a justiça e a honestidade são essenciais para a convivência humana. Assim, a disseminação de informações falsas, com ou sem a intenção de prejudicar alguém, é danosa à vida em sociedade. Em um mundo ético-político não se vive sem a presença do outro. As pessoas dependem umas das outras para sobreviverem. Praticamente tudo que um ser humano utiliza e consome depende de outras pessoas. A única maneira de se tornar totalmente independente, é se isolando. Não apenas por esses motivos, mas também por outros é fundamentalmente importante o respeito ao próximo, o estreitamento dos laços de amizade e fraternidade, o fortalecimento dos direitos humanos e a contribuição de maneira positiva para a harmonia e paz social. O bem comum é uma construção cotidiana. As ações e atitudes de cada um são primordiais para o fortalecimento da noção de verdade e o enfraquecimento da pós-verdade.

Há bens dos quais não se pode abrir mão. A verdade é um deles. Ela sempre deve nortear as ações humanas. Para que a noção de verdade não seja secundarizada e se fortaleça nas relações interpessoais é primordial que haja união entre os seres humanos. A proximidade entre as pessoas fortalece os laços de amizade e fraternidade. Nesse sentido, as ações e atitudes em prol do bem-estar social devem ser constantes. A união entre as pessoas (e isso inclui o Estado que não é algo separado da existência das pessoas) que primam pela verdade poderá livrar o mundo da pós-verdade. Se a imensa maioria das pessoas rejeitar o falso e priorizar o verdadeiro, a chance da minoria maldosa e desonesta sucumbir no tempo é muito grande.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. Instrumento do pensar. In: **Filosofando**: introdução à filosofia. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2003. pp. 100-117.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **Os desafios da pós-verdade**: por uma virada veritística na Ciência da Informação. Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra, extra 1, 2022, pp. 15-30

ARENDDT, Hannah. Verdade e política. In: **Entre o passado e o futuro**. Trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2016. pp. 282-325.

BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar: Marx, modernismo e modernização. In: **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. Trad. Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das letras, 2007. pp. 109-157.

BITTENCOURT, Maria Clara Aquino; ALEXANDRE, Tânia Becker. **Checagem jornalística em tempos de pós-verdade**. Interim, v. 23, jul-dez, 2018, pp. 137-153.

BUCCI, Eugênio. **Pós-política e corrosão da verdade**. Revista Usp 116, pp. 19-30, 2018.

CALAIS, Sandra Leal. Delineamento de levantamento ou Survey. In: BAPTISTA, Makilin Nunes; CAMPOS, Dinael Corrêa de. (Org.). **Metodologias de pesquisas em ciências**: análises quantitativa e qualitativa. Rio de Janeiro: LTC, 2007. pp. 81-89.

CARNIELLI, Walter Alexandre; EPSTEIN, Richard L. Como se defender de *fake news*, golpes e factoides por meio do pensamento crítico. In: **Pensamento crítico**: o poder da lógica e da argumentação. 4. ed. São Paulo: Rideel, 2019. pp. 325-345.

CHAUÍ, Marilena. **Simulacro e poder**: uma análise da mídia. São Paulo: Perseu Abramo, 2006.

COSTA, Caio Túlio. **Verdades e mentiras no ecossistema digital**. Revista Usp 116, pp. 7-18, 2018.

D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade**: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news. Trad. Carlos Szlak. Barueri: Faro Editorial, 2018.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009. pp. 62-83.

DUNKER, Christian. Subjetividade em tempos de pós-verdade. In: DUNKER, Christian *et al.* **Ética e pós-verdade**. Porto Alegre: Dublinense, 2017. pp. 7-37.

FRIAS FILHO, Otávio. **O que é falso sobre fake news**. Revista Usp 116, pp. 39-44, 2018.

GENESINI, Sílvio. **A pós-verdade é uma notícia falsa**. Revista Usp 116, pp. 45-58, 2018.

GILL, Rosalind. Análise de discurso. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002. pp. 244-270.

HESSEN, Johannes. O critério da verdade. In: **Teoria do Conhecimento**. Trad. João Vergílio Gallerani Cuter. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. pp. 119-129.

KEYES, Ralph. **A era da pós-verdade: desonestidade e enganação na vida contemporânea**. Trad. Fábio Creder: Petrópolis: Vozes, 2018.

MARCONDES, Danilo. **Desfazendo mitos sobre a pragmática**. Alceu. v. 1, n. 1, jul-dez, 2000, pp 38-46.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Burgueses e proletários. In: **Manifesto Comunista**. Trad. Álvaro Pina e Ivana Jinkings. São Paulo: Boitempo, 2010. pp. 40-51.

MARTINO, Luís Sá. **Teorias das mídias digitais: linguagens, ambientes, redes**. Petrópolis: vozes, 2014.

MARTINO, Mauro Sá; MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro Marques. Você disse bem informado? A ética da narrativa. In: **Ética, mídia e comunicação**. São Paulo: Summus, 2018. pp. 139-152.

MARTINS FILHO, Jorge Araújo. **Sem migué nas eleições: uma proposta de fact-checking colaborativo em São Luís/MA**. São Luís, 2021. 149 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Maranhão /UFMA.

MESQUITA, Fernão Lara. **A pós-verdade levará à pós-democracia?** Revista Usp 116, pp. 31-38, 2018.

ORWELL, George. **Sobre a verdade**. Trad. Cláudio Alves Marcondes. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

PLATÃO. Livro XII. In: **A República**. Trad. Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 2004. pp. 225-256.

_____. Críton. In: **Diálogos: Eutífron, apologia de Sócrates, Críton, Fédon**. Trad. Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 1999. pp. 101-114.

REGULAÇÃO DAS PLATAFORMAS DIGITAIS NO BRASIL. Posicionamento das organizações da sociedade civil reunidas na Sala de Articulação contra a Desinformação. São Paulo, 2023.

SANCHES, Neuza. Exclusivo: WhatsApp é líder e está em 99% dos celulares no Brasil. Veja, 24 ago. 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/neuza-sanches/exclusivo-whatsapp-e-lider-e-esta-em-240-milhoes-de-celulares-no-brasil/>. Acesso em: 06 dez. 2022.

SANTAELLA, Lucia. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri: Estação das Letras e Cores, 2019.

SANTOS, Márcio Carneiro dos. **Fake news** – A pandemia sem vacinas. Medium, 17 jul. 2020. Disponível em: <https://mcsufma.medium.com/fake-news-a-pandemia-sem-vacina-a4122105c9fd>. Acesso em: 31 mai. 2023.

TIBURI, Márcia. Pós-verdade, pós-ética: uma reflexão sobre delírios, atos digitais e inveja. In: DUNKER, Christian *et al.* **Ética e pós-verdade**. Porto Alegre: Dublinense, 2017. pp. 87-113.

APÊNCICE – QUESTIONÁRIO

Qual a sua renda?

- Até 1 (um) salário mínimo (R\$ 1.320,00)
- De 1 (um) a 2 (dois) salários mínimos (R\$ 1.321,00 a R\$ 2.640,00)
- De 2 (dois) a 3 (três) salários mínimos (R\$ 2.641 a R\$ 3.960,00)
- De 3 (três) a 4 (quatro) salários mínimos (R\$ 3.961,00 a 5.280,00)
- Acima de 4 (quatro) salários mínimos (R\$ 5.281, 00 ou mais)

Qual sua idade?

- 18 a 24 anos
- 25 a 35 anos
- 36 a 45 anos
- 46 a 59 anos
- 60 anos ou mais

Qual o seu nível de instrução?

- Ensino Fundamental incompleto
- Ensino Fundamental completo
- Ensino Médio incompleto
- Ensino Médio completo
- Graduação
- Mestrado
- Doutorado

Qual o seu sexo?

- Masculino
- Feminino
- Outro

Com que frequência você utiliza o WhatsApp?

- Menos de 1 (uma) hora por dia
- De 1 (uma) a 3 (três) horas por dia
- De 4 (quatro) a 7 (sete) horas por dia
- De 8 (oito) a 11 (onze) horas por dia
- 12 (doze) horas por dia ou mais
- Outro

Com que frequência você costuma compartilhar informações via WhatsApp?

- Nunca
- De vez em quando
- Sempre

Antes de postar ou compartilhar uma informação no WhatsApp você checa a fonte para saber se é confiável ou não?

Sim. Sempre checo a fonte

Não. Nunca checo a fonte

Só de vez em quando

Nunca posto ou compartilho informações no WhatsApp

Uma informação confiável no WhatsApp é aquela postada ou compartilhada por pessoas que possuem ideias parecidas com as que você defende?

Sim

Não

Outro

O que é mais importante: a checagem dos fatos por um jornalista sério e comprometido com a verdade objetiva ou a opinião, sem base fatural, de uma pessoa que você ama e admira muito?

A checagem dos fatos

A opinião de quem eu amo

Outro

Você já compartilhou, no WhatsApp, alguma informação que depois descobriu ser falsa?

Sim

Não